

Universidade do Porto

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**INTENÇÕES PARENTAIS NO MASCULINO: PERSPETIVAS DE
HOMENS COM E SEM FILHOS**

Filipa Gonçalves de Sousa

Outubro, 2017

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pela Professora Doutora *Marisa Matias* (FPCEUP).

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspetivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, o autor declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O autor declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Resumo

O decréscimo da natalidade e o adiamento do nascimento do primeiro filho têm evidenciado a importância de melhor compreender os fatores associados à decisão de ter filhos. Deste modo, neste estudo procurou-se compreender as intenções parentais de homens homossexuais com e sem filhos e quais as condições tidas por estes como necessárias para concretizar as intenções.

Foram realizados dois *focus group*, um com oito homens sem filhos e outro com seis homens com filhos, totalizando a amostra 14 participantes. O recrutamento dos participantes foi feito por conveniência e o critério para inclusão no estudo foi a manifesta intenção de ser pai num futuro mais ou menos próximo. A análise de conteúdo revelou uma série de condições necessárias à decisão de ser pai, nomeadamente, condições económicas, profissionais, relacionais, recursos físicos como ter casa própria e apoio de familiares, sendo que as condições económicas e profissionais foram as mais referidas em ambos os grupos. Porém, os resultados que compreendem a importância atribuída ao ter casa própria e apoio de familiares destacam-se como tendo um carácter inovador no âmbito destes temas. Salientam-se também referências quer a benefícios quer a custos antecipados e vividos na parentalidade, mais especificamente salientam-se motivações que expressam a continuidade da família, o crescimento pessoal, o desejo de educar e a transmissão de valores. Quanto aos custos destacam-se, no caso dos pais a incerteza quanto ao futuro dos filhos e no caso dos não pais as alterações ao estilo de vida.

Os resultados obtidos permitiram contrastar as condições e motivações de pais e não pais, evidenciando aspetos em comum, mas também, algumas especificidades. Por outro lado, os resultados obtidos poderão permitir apoiar os homens no processo de tomada de decisão ao reduzir alguns dos constrangimentos económicos e profissionais apontados, bem como fomentando um maior conhecimento quer dos custos quer dos benefícios experienciados por meio da parentalidade.

Palavras-chave: Condições; Homens; Intenções; Motivações; Parentalidade

Abstract

The decrease in the birth rate and the postponement of the first child's birth event, both have evidenced the importance of better understanding the factors associated with the decision to have, or not to have, children. Thus, in this study we aimed to understand the parental intentions of heterosexual men, both fathers of children and not yet fathers of children, and which conditions they bear in mind as necessary to attain their intentions.

There were two focus groups, one composed by eight men without children, and the other one with six men with children, with a total of 14 participants. The recruitment of the participants was done for convenience and the criteria for them to be targeted for this study were the manifested intentions of being a father in the near future. The content analysis revealed a sort of conditions necessary to make the decision to be a father, namely economic, professional, relationship conditions, physical resources such as having a home and the support of family members, but the economic and professional conditions were the most mentioned in both groups, as the most important ones. However, the results that comprise the importance attributed to having own house and support of relatives stand out as being innovative in the scope of these themes. There are also references to both benefits and costs anticipated and experienced in parenthood, more specifically motivations related with the continuity of the family, personal growth, the desire to educate and the transmission of values. On the costs' side, there were expressed several doubts and uncertainty about the future of their children and, in the case of non-fathers, the lifestyle changes concerns.

The results obtained allowed us to contrast the conditions and motivations of parents and non - parents, evidencing aspects in common, but also, some specificities. On the other hand, the results obtained could support men in the decision-making process by reducing some of the economic and professional constraints and concerns pointed out, as well as fostering greater knowledge of both the costs and benefits experienced through parenthood.

Keywords: Conditions; Men; Intentions; Motivations; Parenthood

Résumé

La diminution du taux de natalité et le report de la naissance du premier enfant ont mis en évidence l'importance de mieux comprendre les facteurs associés à la décision d'avoir des enfants. Alors, dans cette étude, nous avons cherché à comprendre les intentions parentales des hommes hétérosexuels avec et sans enfants et les conditions nécessaires pour réaliser leurs intentions.

Il y avait deux groupes de discussion, l'un avec huit hommes sans enfants et l'autre avec six hommes avec des enfants, avec un total de 14 participants. Le recrutement des participants a été fait par commodité et le critère d'inclusion dans l'étude était l'intention manifeste d'être un père dans un avenir plus ou moins proche. L'analyse du contenu a révélé un certain nombre de conditions nécessaires à la décision d'être un père, à savoir, les ressources économiques, professionnelles, relationnelles, physiques comme ayant domicile et le soutien de la famille, et les conditions économiques et les professionnels étaient les plus courants dans les deux groupes. Cependant, les résultats qui comprennent l'importance attribuée à la propre maison et le soutien des parents se distinguent par leur caractère novateur dans la portée de ces thèmes. Il y a aussi des références aux avantages et aux coûts anticipés et vécus dans la parentalité, plus spécifiquement les motivations de stress qui expriment la continuité de la famille, la croissance personnelle, le désir d'éduquer et la transmission des valeurs. En ce qui concerne les coûts, les doutes des parents sur l'avenir de leurs enfants et, dans le cas des non-pères, le style de vie change.

Les résultats obtenus ont permis de comparer les conditions et les motivations des parents et des non-parents, mettant en évidence des aspects communs, mais aussi des spécificités. En revanche, les résultats obtenus pourraient soutenir les hommes dans le processus décisionnel en réduisant certaines des contraintes économiques et professionnelles soulignées, et en favorisant une meilleure connaissance des coûts et des bénéfices de la parentalité.

Mots-clés: Conditions; Hommes; Intentions; Motivations; Parentalité

Índice

Introdução	1
I. Enquadramento teórico	2
1.1. Contexto familiar europeu, políticas familiares e articulação trabalho-família.....	2
1.2. Homens e parentalidade	6
1.3. Motivações para ter filhos.....	10
II. Método	14
2.1. Design do estudo.....	14
2.2. Participantes.....	15
2.3. Instrumento e Procedimento de recolha dos dados.....	17
2.4. Procedimento de análise de dados	17
III. Resultados.....	19
IV. Discussão.....	29
Considerações finais	36
Referências	38
Anexos.....	45

Índice de Tabelas

Tabela 1. Dados sociodemográficos dos homens com filhos

Tabela 2. Dados sociodemográficos dos homens sem filhos

Tabela 3. Matriz de codificação das transcrições

Tabela 4. Codificação das respostas dos homens com filhos

Tabela 5. Codificação das respostas dos homens sem filhos

Índice de Anexos

Anexo A. Declaração de Consentimento Informado

Anexo B. Guiões de entrevista dos *Focus Group*

Anexo C. Ficha de caracterização sociodemográfica dos participantes

Introdução

Atualmente, a família tem sofrido várias transformações bem como o mercado de trabalho. Ambos têm sido afetados pelos desenvolvimentos científicos e tecnológicos e pelo surgimento de novos valores sociais com fortes implicações ao nível da reprodução e da vivência da parentalidade (Marques, 2008). Um dos desafios da atualidade remete por isso para a necessidade de lidar com este contexto em constante mudança nas relações interpessoais, nomeadamente nas relações com os filhos, com os pais e com os cônjuges. (Staudt & Wagner, 2008).

Para contextualizar a temática sob a qual a presente investigação se debruça, importa referir que, a percentagem de fecundidade permilagem (número de filhos existentes em cada 1000 mulheres em idade fértil) decresceu de 95,7 % no ano 1961, para 37,1 % em 2016 (FFMS, 2017) e que o índice sintético de fecundidade passou de 3,20 em 1960, para 1,36 em 2016 (FFMS, 2017).

Note-se que no início dos anos sessenta, havia mais de 200 mil nascimentos por ano em Portugal; atualmente, esse número é inferior a 90 mil (FFMS, 2017). Como se verifica tem ocorrido uma tendência para o declínio da natalidade; contudo, nos últimos anos este fenómeno foi-se tornando mais intenso (FFMS, 2017). As estatísticas mostram que a taxa bruta de natalidade passou de 24,1% em 1960, para 8,4% em 2016 (FFMS, 2017).

O adiamento da parentalidade é frequentemente associado à crise económica e financeira atual, porém ficar apenas por esta explicação poderá ser redutor. Outras razões, das mais diversas índoles, podem ajudar a explicar este fenómeno, tais como a falta de apoio do Estado, nomeadamente a insuficiência de subsídios e a sua duração limitada e outros apoios que incentivem a ter filhos. Adicionalmente, o facto de se estudar até mais tarde e por consequência a transição para a vida adulta também acontecer mais tardiamente ou ainda o facto de os filhos exigirem uma grande disponibilidade por parte dos pais são fatores que contribuem para explicar o fenómeno (FFMS, 2017).

Tendo por base estas evidências e considerando que a maioria das investigações sobre o tema das intenções parentais tem focado as mulheres, a questão central da presente investigação reside na análise das intenções parentais dos homens heterossexuais e das condições tidas por estes como necessárias para concretizar as intenções.

I. Enquadramento teórico

1.1. Contexto familiar europeu, políticas familiares e articulação trabalho-família

Os indicadores como o aumento do divórcio e das uniões de facto, o aumento da autonomia e da participação das mulheres no mercado de trabalho, a descida da fecundidade, a diminuição do número de casais com filhos e o aumento das pessoas sós constituem o mote para se falar, atualmente, de uma nova conceção de família europeia (Wall, 2002).

De acordo com os dados obtidos através do Instituto Nacional de Estatística, em Portugal a dimensão média das famílias reduziu significativamente em 50 anos, passando de 3,8 pessoas por família, em 1960, para 2,6 pessoas, em 2011. O casal (com e sem filhos) continua a ser a forma predominante de organização da vida familiar (62% das famílias em 1960 e 59% em 2011). Nos últimos 50 anos assistiu-se a um aumento relativo dos casais sem filhos (de 15% em 1960, para 24% em 2011), dos núcleos familiares monoparentais (de 6% em 1960, para 9% em 2011) e das pessoas que vivem sós (de 12% em 1960, para 20% em 2011) e à diminuição do peso das famílias complexas (de 15% em 1960, para 9% em 2011). Por fim, constata-se também que o índice sintético de fecundidade passou de 3,20 em 1960, para 1,36 em 2016 (INE, 2011; FFMS, 2017). Deste modo, o decrescimento da natalidade, bem como o adiamento do nascimento do primeiro filho têm sido tendências cada vez mais prevalentes nos países economicamente desenvolvidos, incluindo Portugal (OCDE, 2011).

Em 2011, cerca de 71% da população masculina com 20 e mais anos residia em conjugalidade, e na sua maioria, com filhos (52%). A restante população masculina residia em agregados familiares complexos (14%), monoparentais (7%) ou sozinhos (7%). Mais concretamente, e considerando o intervalo de idades 20-29, denota-se que cerca de 54% dos homens inquiridos pelos Censos em 2011 viviam em conjugalidade e tinham filhos. Por outro lado, cerca de 10% dos homens viviam em conjugalidade, mas sem filhos (Wall et al., 2016).

No seio da população masculina é verificado com mais frequência a vida em conjugalidade e com filhos, porém, verifica-se que em 1960, a idade média ao primeiro casamento era 26,9 anos, e em 2016 passou para 32,8 anos (Wall et al., 2016; FFMS, 2017). Estes dados demonstram que em média os homens estão a casar cada vez mais tarde, podendo este aspeto estar na base da explicação do adiamento da parentalidade por parte dos homens.

Relativamente à análise das políticas familiares, “e se encararmos esta questão do ponto de vista do conjunto dos países europeus, é possível distinguir, ao longo das últimas décadas, três grandes períodos que correspondem a diferentes visões de política familiar e a diferentes modelos normativos de família subjacentes a essas políticas” (Wall, 2002, *p.48*).

Entre os anos 40-60 a família era entendida como uma instituição, alicerçada na autoridade do homem “chefe de família”, constituindo-se como principal ganha-pão (Wall, 2002). Este era um modelo de “família tradicional” que valorizava a maternidade e o trabalho doméstico, encorajando o papel feminino de dona de casa e, do ponto de vista da criança, uma socialização assente na transmissão de normas sociais pré-existentes (Wall, 2002).

Os anos 70 e 80 representam, um momento de afirmação do movimento feminista e do movimento geral das sociedades ocidentais em direção à igualdade dos direitos dos cidadãos (Wall, 2002). Existiu ainda, uma reorientação progressiva da política de família num sentido mais benéfico à atividade profissional das mulheres: melhoria dos direitos das trabalhadoras, aumento das licenças de maternidade (nos anos 70 e 80 passam a ser, em geral, de 3 a 7 meses) e introduziu-se uma política de equipamentos para a guarda e a educação de crianças que ainda não tinham entrado na escola (educação pré-escolar) (Wall, 2002).

Nos anos 90, os níveis elevados de desemprego, existentes em muitos países da União Europeia, e o problema do envelhecimento da população traz de novo à tona as preocupações natalistas (Wall, 2002). Estes anos foram ainda marcados por questionamentos, sobre o facto da tarefa de conciliar o trabalho e a vida familiar recair maioritariamente sobre a mulher e não sobre o homem (Wall, 2002).

A política familiar nos anos 90 e no início do século XXI caracteriza-se assim por uma certa bipolarização, sendo que, por um lado, voltam-se a sublinhar alguns aspetos de uma política familiar tradicional, as preocupações natalistas, agora mais explícitas e a defesa da coesão familiar para o bem da criança e para o bem coletivo. Por outro lado, regista-se uma vontade de não prejudicar a articulação estreita das políticas familiares com a igualdade e com a individualização (Wall, 2002).

Atualmente, e nos casos de famílias em que ambos os elementos do casal trabalham a tempo inteiro e “assumam uma partilha equitativa da responsabilidade pelo sustento económico da família” (Perista, Cardoso, Brázia, Abrantes, Perista & Quintal, 2016, *p.24*), a dedicação e disponibilidade para a família e para o trabalho está longe de ser equilibrada (Perista et al., 2016). Sabe-se ainda que, na prática, a mãe é quem normalmente assegura o bem-estar da criança nos primeiros meses de vida, dedicando mais tempo à criança, sendo

que o pai, assume mais o papel de provedor económico a par com uma função de auxílio no que toca a cuidados físicos ou emocionais à criança (Perista et al., 2016). Deste modo, e apesar da evolução nas políticas de apoio à família, o quotidiano de muitas famílias é ainda pautado por uma desigual distribuição das responsabilidades no que toca ao cuidado dos filhos.

Importa ainda referir que a taxa de emprego dos homens, no grupo etário dos 24-49 anos é mais elevada quando estes têm filhos pequenos (até aos 6 anos). Estes dados dão conta da constância de uma ética de provedor masculino, isto é, um homem/pai tem uma responsabilidade económica acrescida. São sobretudo os homens que desempenham uma segunda atividade remunerada, sendo eles que mais horas trabalham (mais 2,1 horas semanais que as mulheres). Esta evidência reflete mais uma vez a responsabilidade económica masculina referida acima, e constitui-se como um traço que continua a marcar a masculinidade contemporânea (Wall et al., 2016). Contudo, atualmente, a mulher encontra-se perfeitamente inserida no mercado de trabalho e o modelo de família assente no provedor masculino é quase inexistente (Wall et al., 2010). Desta breve resenha, ressalta então a articulação estreita entre as visões de família e de política familiar e a participação profissional. De facto, e dada a elevada participação feminina no mercado de trabalho em diferentes sociedades Europeias e em particular, em Portugal (48,8% em 2016) (FFMS, 2017) a articulação trabalho-família é uma temática central na análise das questões sociais mais prementes como a questão da parentalidade.

Ambos os papéis, o profissional e o familiar, têm vindo a conhecer grandes transformações, as quais não são alheias à flexibilização e intensificação dos tempos de trabalho (Wall, Aboim & Cunha, 2010). Nesta lógica, os primeiros estudos sobre as formas de articular a vida profissional e a vida familiar pretendiam identificar os efeitos dos diferentes padrões de conciliação para os vários membros da família (Wall et al., 2010). Os resultados evidenciados apontam para efeitos em termos do stress gerado pelas influências recíprocas das esferas familiar e profissional, assim como das tensões vividas em cada uma delas (Wall et al., 2010). Ainda que seja inegável a existência de conflito na articulação entre papéis, é também possível que pela participação em diferentes domínios, os indivíduos recolham benefícios que os auxiliam no desempenho dos papéis profissionais e familiares, fala-se assim de enriquecimento entre papéis (Greenhaus & Powell, 2006). Efetivamente, Kirchmeyer (1992) apurou que os indivíduos reconhecem mais aspetos positivos que aspetos negativos no desempenho de múltiplos papéis. Assim, importa salientar que as interferências positivas entre domínios, designadas por enriquecimento ou *spillover* positivo, parecem estar

mais associadas a recursos, enquanto que o conflito ou *spillover* negativo está mais associado a exigências e stressores (Silva, 2007). Quando se fala que o *spillover* positivo aparece mais associado a recursos, merece a pena referir que as características individuais têm um papel preponderante no uso destes recursos (Silva, 2007). Nesta lógica, pode referir-se que o mesmo acontece com as exigências e com os fatores de tensão (stressores). Posto isto, mesmo que os indivíduos estejam sujeitos a um mesmo conjunto de stressores, os aspetos individuais vão influenciar a forma como estes lidam e gerem esta tensão; assim, o grau de conflito ou enriquecimento experienciado, depende não somente de circunstâncias profissionais e familiares como também das características individuais (Silva, 2007). Nesta lógica, a capacidade dos indivíduos para lidarem com desequilíbrios, conflitos e tensões que ocorram entre o domínio profissional e familiar, em simultâneo “com a capacidade de intervir proactivamente sobre os mecanismos de articulação dos papéis reforçando ou afrouxando a fronteira de separação entre as duas esferas de vida, pode ser vista como uma competência pessoal de enorme relevo” (Nascimento, Menezes & Coimbra, 2004, p.164). Assim, o indivíduo tem maior probabilidade de alcançar o sucesso na articulação da sua vida familiar e profissional, quanto melhor dominar o espaço de fronteira entre estas duas esferas, quanto mais capaz for de antecipar os resultados para si e para cada contexto, quanto mais capaz seja de controlar as transações entre os dois domínios e quanto mais fizer escolhas ou tomar decisões no sentido de ampliar os efeitos sinérgicos e diminuir os resultados entrópicos da interação entre os papéis que desempenha em ambos os contextos (Nascimento, Menezes & Coimbra, 2004).

Deste modo, a questão da parentalidade e das intenções parentais poderá ser também determinada pelo modo como os indivíduos abordam a tarefa da conciliação dos papéis profissionais e familiares, para além dos aspetos estruturais do domínio profissional e familiar. Efetivamente, Begall e Mills (2011) constataram que um maior controlo e autonomia face ao trabalho, assim como menor *stress* e conflito na articulação trabalho-família afetam positivamente as intenções das mulheres terem filhos. Saliente-se ainda que fatores contextuais como estruturas de apoio à infância podem também afetar as intenções de parentalidade (Begall & Mills, 2011).

A temática da conciliação entre a vida profissional e a vida familiar tem sido mais abordada na perspetiva das mulheres do que na dos homens, como aliás é evidenciado pelo estudo supracitado que se baseou numa amostra feminina de 23 países europeus. Mas, importa referir que atualmente, no seio destas questões, surgem novas demandas no papel do homem, surgindo assim o conceito do “novo homem”, mais participativo na vida afetiva

e familiar do que em outros tempos (Staudt & Wagner, 2008). O papel masculino aparece como sendo uma das transformações mais importantes nas relações parentais da família contemporânea, e o exercício da paternidade tem acontecido de uma forma cada vez mais participativa (Staudt & Wagner, 2008). Efetivamente, os homens portugueses possuem um alto índice de stress, que tem que ver com a falta de tempo para a família; sendo assim um indicador de que a questão da conciliação trabalho-família e da parentalidade é cada vez mais uma preocupação de muitos homens (Guerreiro & Carvalho, 2007). O sólido crescimento do usufruto das licenças parentais revela uma disseminação da masculinidade cuidadora, uma vez que, hoje em dia, a maioria dos homens usufrui da licença exclusiva do pai – quer dos dias obrigatórios, quer dos dias facultativos – a partilha da licença parental bonificada também tem vindo a conhecer um aumento significativo (Wall et al., 2016).

1.2.Homens e parentalidade

A parentalidade é um termo relativamente recente, começou a ser utilizado na literatura psicanalítica francesa a partir dos anos 60 para assinalar a dimensão de processo e de construção no exercício da relação dos pais com os filhos (Zornig, 2010). Contudo, apesar das dimensões inerentes ao parentesco terem sido estudadas por outras áreas do saber, é no campo da psicologia e da psicanálise que podemos encontrar uma vasta pesquisa alusiva aos processos psíquicos e mudanças subjetivas geradas nos pais a partir do desejo de ter um filho (Zornig, 2010). Na perspetiva da Psicologia, a parentalidade representa “um conjunto de ações encetadas pelas figuras parentais (pais ou substitutos) junto dos seus filhos no sentido de promover o seu desenvolvimento de forma mais plena possível, utilizando para tal, os recursos de que dispõe dentro da família e, fora dela, na comunidade” (Cruz, 2005, p.13).

Os pais, como cuidadores da criança tornaram-se os principais agentes da sua socialização, seja ao nível comportamental, emocional ou de desenvolvimento cognitivo, pressupondo igualmente, o desempenho de funções de proteção, educação e integração na cultura familiar (Alarcão, 2000). Neste contexto, a função parental ultrapassa a simples interação entre pai/filho, e assume uma complementaridade de papéis que incluem a transmissão de regras, modelos comunicacionais e utilização de crenças e rituais familiares (Relvas, 2004).

A parentalidade é considerada como algo de maravilhoso, constituindo uma fonte de gratificação e de enaltecimento da identidade tanto para os indivíduos como para o casal (Marques, 2008). Sendo também referido na literatura que a parentalidade leva a um

aumento dos contactos com a família de origem e por vezes leva ao fortalecimento da relação entre o casal (Marques, 2008). Ainda assim aparece, não raras vezes, na literatura, a referência à existência de dificuldades na parentalidade (Marques, 2008). Estas dificuldades apresentam-se sob a forma de um aumento das responsabilidades, do trabalho, das preocupações ou o aumento dos gastos familiares (Marques, 2008). Contudo, a parentalidade é entendida por algumas pessoas como algo de ambíguo e cheio de contradições (Marques, 2008).

Neste sentido, a parentalidade foi-se tornando, cada vez mais, num processo de tomada de decisões, que passa pela escolha do número de filhos que se pretende ter, da altura certa para ter filhos, assim como da própria escolha entre ter ou não ter filhos (Cunha, 2007).

A mudança geracional e social relacionada com a paternidade desde a década de 1970 trouxe um maior envolvimento entre pais e filhos, ao nível emocional, e atualmente, o nascimento dos filhos implica, tendencialmente, uma maior participação dos pais nos cuidados com as crianças, o que indica um certo esbatimento nos papéis tradicionais de género (Marques, 2008). Contudo, alguns autores salientam que ser pai não tem sido visto como fundamental para a identidade dos homens, na medida em que a paternidade é mais relacionada com a identidade das mulheres (Hinton & Miller, 2013). Não obstante, os homens cada vez mais consideram a paternidade como algo muito importante (Mendes, 2007). Em estudos sobre as vivências da paternidade, a grande maioria refere que ser pai tende a revelar um aumento da responsabilidade, com implicações na postura face ao trabalho, que se pode traduzir em mais ou menos horas de trabalho (Mendes, 2007).

Assim, o conceito de paternidade tem vindo a ser alvo de inúmeras reflexões e debates nos últimos anos. Contudo, só desde o início dos anos setenta é que os estudiosos se debruçaram mais intensamente sobre esta temática, construindo teorias, conjecturando, mas sobretudo investigando, de formas progressivamente mais amplas e prolíferas (Lamb, 2010).

Atualmente, o papel do pai na sociedade ocidental sofreu uma metamorfose, assim, tal facto só pode ser entendido à luz de uma perspetiva inter e multidisciplinar através da comunhão entre a psicologia, a sociologia, a educação, a jurisprudência, a educação, entre outros domínios do saber (Balacho, 2004).

São muitos os autores que arrogam que as mudanças estruturais na família e na sociedade determinaram inevitáveis mudanças e trouxeram um novo conceito de pai (Belo & Macedo, 1996; Gottman & DeClaire, 1997). A investigação tem vindo a sugerir que, desde o início dos anos 80, existe uma forte mudança na paternidade, que se apresenta traduzida nas maiores expetativas relativamente a um maior envolvimento dos pais no cuidado das

crianças (Wall & Arnold, 2007). Os pais contemporâneos têm a percepção de que possuem uma maior responsabilidade no cuidado diário dos filhos e de que passam mais tempo com os filhos do que passavam os pais de gerações anteriores (Lamb, 2010; Pleck, 1997). Idealmente, os “novos pais” são carinhosos, desenvolvem um relacionamento emocional próximo com os seus filhos, passam mais tempo com estes e partilham os cuidados prestados às crianças com as mães (Wall & Arnold, 2007).

Num estudo de Staudt (2007) compreende-se que o tempo que os pais despendem com os filhos é menor face àquilo que eles perspectivam como sendo o tempo ideal. Contudo, os pais que participaram neste estudo demonstraram estar bastante cientes da importância que a sua orientação possui no processo de aprendizagem e socialização dos seus filhos. Relataram ainda que, é importante ter conhecimentos acerca de aspetos relevantes sobre a vida dos seus filhos (o nome do professor, de um amigo, os horários para dormir, etc.) (Staudt, 2007). Outras ideias que sobressaem do estudo acima referido prendem-se com o facto de que a figura paterna aparece associada, ainda, mais fortemente, com uma figura de autoridade, segurança, assim como também de ganha pão da família (Staudt, 2007). Porém, pensa o autor que a permanência deste modelo para os pais é algo positivo, uma vez que é importante a existência desta referência para o desenvolvimento dos filhos (Staudt, 2007).

A par deste tópico, é esperado ainda que os pais se mostrem mais participativos no quotidiano das crianças, que estejam mais presentes, que sejam mais flexíveis (Marques, 2008). A paternidade é redefinida de acordo com o tipo de ligação que o pai tem com a criança, sendo uma função complexa e ambivalente (Marques, 2008). O papel tradicional do pai não é definido pela sua referência com a esfera privada, mas a maior parte da interação familiar é lá que acontece; a importância do desenvolvimento de uma consciência paterna ganha uma nova dimensão numa sociedade que dá ainda pouca atenção aos pais (Castelain-Meunier, 2002).

Todavia, apesar da existência de indícios de uma maior participação dos homens no cuidado aos seus filhos, esta não se verifica assim tão evidente quando comparados com as mães (Wall & Arnold, 2007). “Ainda que possam ter ocorrido algumas mudanças discretas no papel do pai nas últimas duas décadas, quando comparado com a mãe ele continua a ter uma função de menor envolvimento na socialização das suas crianças, nas tarefas diárias que dizem respeito, não só à sua educação, mas também à sua sobrevivência” (Balanco, 2004, p. 378). Os motivos para tal prendem-se com questões como as políticas sociais existentes, a cultura do mercado de trabalho, a diferença de salários entre homens e mulheres e a persistência dos entendimentos culturais sobre a maternidade e a paternidade (que ainda

atribui ao pai o papel principal como ganha-pão e à mãe o papel principal como cuidadora da família) (Wall & Arnold, 2007).

Note-se, que tal como acontece para a maternidade, também entre os homens existem “diferentes representações e atitudes perante a paternidade” (Mendes, 2007, *p.* 9), que variam em função da posição social dos indivíduos. A relação com a atividade, por exemplo, introduz “comportamentos distintos em função da precariedade ou segurança laboral” (Mendes, 2007, *p.* 10), distinguindo-se assim duas posições – a primeira posição diz respeito aos indivíduos com inserções socioprofissionais desqualificadas, caracterizadas por laços precários, e com menores rendimentos, e que passam a trabalhar mais horas após o nascimento dos seus filhos (Mendes, 2007) – numa lógica inversa, aparece a segunda posição, em que os pais, com uma inserção profissional mais estável, detendo maiores recursos económicos e mais qualificações, escolhem desacelerar o seu crescimento profissional, de modo a ter “uma maior disponibilidade temporal, emocional e psicológica, para a família, e mais especificamente, para os filhos” (Mendes, 2007, *p.* 10).

Relativamente às representações que os pais têm acerca da paternidade, importa referir que “para articular a dimensão em que o indivíduo confronta o que é com o que socialmente é esperado que seja, quer na construção da sua identidade de género quer na de pai, tem que se compreender se o facto de ‘ser-se homem’ influencia o processo de paternidade ou se pelo contrário o ‘ser-se pai’ influencia a construção da masculinidade, ou ainda se estamos perante uma dupla influência” (Mendes, 2004, *p.* 127).

Lupton e Barclay (1997) realizaram um estudo longitudinal com 16 pais pela primeira vez na Austrália e Bartholomaeus e Riggs, (2017) identificaram que, tornar-se pai raramente é retratado como uma escolha, mas sim como inevitável, compreendendo-se assim como um passo lógico no relacionamento e, conseqüentemente, no crescimento enquanto homem. Este facto significa que os homens raramente identificam motivos explícitos de querer ou não ter filhos. Para os participantes neste estudo, a paternidade é vista como uma parte natural da masculinidade adulta, mas revelam que antes de se tornarem pais precisam de viver no seio de um relacionamento onde exista amor, sendo este aspeto um motivo para ter filhos (Lupton & Barclay, 1997).

Do mesmo modo, a pesquisa retrospectiva de Morison e Macleod (2015) com pais e mães com idades compreendidas entre os 39 e os 59 anos, na África do Sul, identificou que, para estes casais, ter filhos foi considerado, não como uma escolha nem algo planeado em detalhe, mas, em vez destes factos, ter filhos era visto como fruto do amor que os mantinha juntos, bem como de um estágio natural do casamento socialmente aceite.

1.3.Motivações para ter filhos

As investigações que exploram as motivações dos homens para ter filhos são, na sua maioria, investigações de natureza quantitativa, usando escalas e questões de opção fechada (Bartholomaeus & Riggs, 2017). Uma exceção, o estudo qualitativo de Bartholomaeus e Riggs (2017), com entrevistas a 10 homens manifestaram uma série de razões inerentes à intenção de ter filhos, razões essas que se prendem com a continuação da espécie/linhagem, algo natural e/ou um estágio de vida. Uma das conclusões a que se chegou neste estudo foi que, para os homens, ter filhos é entendido como sendo um impulso, como algo inato ou natural. Para estes homens, ter filhos é considerado como o curso natural da vida humana ou como um próximo passo na vida de casal. Outra ideia que sobressai desta investigação diz respeito ao facto de ser-se pai estar relacionado com o tornar-se mais adulto, entendido como sendo mesmo um grande passo nessa direção (Bartholomaeus & Riggs, 2017). Acrescenta-se ainda que, subsiste uma relação estreita entre o desejo de ser pai e a função paternal. Esta relação pode ser explicada pela transmissão de laços de sangue, existindo assim um aspeto biológico no ato de gerar uma vida (Clerget, 1980). Contudo, aspirações como o educar, cuidar e ver crescer um filho também aparecem como motivações para ter filhos por parte dos homens (Bartholomaeus & Riggs, 2017).

Porém, torna-se inevitável a antecipação de custos e benefícios associados à parentalidade, que podem condicionar a decisão de ser pai, bem como fatores psicossociais como a motivação, as capacidades e a autoconfiança do pai, o suporte social e fatores institucionais (Machado, Moura & Silva, 2004).

Os custos mais evidenciados pela literatura prendem-se com o facto de existir uma mudança no estilo de vida com a chegada de um filho. Tais mudanças podem apresentar-se como sendo os motivos para o adiamento ou até mesmo para a decisão de não ter um filho. Estas mudanças das quais se fala podem ser ao nível das interferências na liberdade, na autonomia, na carreira profissional e na estabilidade financeira (Matias & Fontaine, 2013). No Inquérito à Fecundidade de 2013 cerca de 67% das pessoas que não têm filhos apontam os custos financeiros associados às crianças como sendo uma das causas mais importantes no que concerne a esta tomada de decisão; outro motivo que pode levar os homens a decidir não ter filhos está relacionado com às dificuldades em conseguir um emprego, tratando-se de um aspeto bastante pertinente no universo masculino (59%) (FFMS, 2017).

Numa outra perspetiva, as dificuldades antecipadas pelos pais no exercício da paternidade podem atuar como preditores do seu envolvimento com os filhos (Machado, Moura & Silva, 2004) e da própria decisão de ter filhos (Matias & Fontaine, 2013). Por isso, as condicionantes mais referidas pelos pais e não pais são a falta de tempo para si, a perda da liberdade, o aumento das responsabilidades, o cansaço físico, a responsabilidade financeira e a falta de tempo para o filho (Machado, Moura & Silva, 2004). As dificuldades antecipadas na educação e no desenvolvimento da criança, assim como a antecipação de problemas para a relação conjugal são vistos ainda como entraves à decisão de ter filhos (Matias & Fontaine, 2013).

Outro aspeto que merece ser destacado prende-se com o nível educativo e com a participação das mulheres no mercado de trabalho; constituindo-se como fatores que têm vindo a reduzir a fertilidade feminina, uma vez que estas podem padecer de maiores custos respeitantes às oportunidades profissionais se forem mães (Klein & Eckhard, 2007). Todavia, os homens consideram que ser pai pode melhorar a relação conjugal (Klein & Eckhard, 2007). Para além destes, benefícios de natureza emocional tendem também a ser referidos, nomeadamente, o querer ensinar e ver uma criança a crescer, sentir que um filho os irá preencher enquanto homens ou mesmo o sentimento de amor e a emoção associada a chegada de um filho (Thompson & Lee, 2011).

Num estudo de Matias, Silva e Fontaine, (2011) em Portugal, homens que são pais dão mais valor aos benefícios associados à parentalidade, desvalorizando mais os custos do que os homens que não são pais.

De destacar ainda que dos dois tipos de benefícios associados à parentalidade [os emocionais e o reconhecimento social], os primeiros são mais valorizados em detrimento do segundo (Matias, Silva & Fontaine, 2011).

Liefbroer (2005) apoiado em algumas teorias sobre a fertilidade, defleceu uma lista de cinco possíveis custos e benefícios que considerou serem os mais pertinentes no entendimento desta problemática. Neste sentido, identificou as oportunidades de carreira, o poder económico, o sentimento de segurança, a relação com o parceiro e a autonomia individual como possíveis impactos da parentalidade. Contudo, este estudo é um pouco limitativo no sentido em que restringe à análise de custos e benefícios às cinco razões supracitadas e também por ser uma amostra heterogénea (não permite fazer comparações de género).

No estudo de Bartholomaeus e Riggs (2017), sobre as intenções parentais de homens homossexuais quando planeiam o primeiro filho, identifica-se como principais limitações,

novamente, o tamanho reduzido da amostra e o facto de esta ser uma amostra normativa com indivíduos australianos de classe média, o que significa que os dados obtidos nesta investigação refletem um grupo específico de homens, não permitindo fazer generalizações.

Porém, na investigação de Guedes, Carvalho, Pires e Canavarro (2011) são apontadas como limitações a familiarização do moderador com os participantes, assim como de alguns participantes entre si. Assim, é apontado que tal aspeto pode ter influenciado as dinâmicas de grupo, no sentido da inibição ou desejabilidade das respostas (Morgan, 1996). Do mesmo modo, a moderação da discussão e o contexto em que esta decorreu também foram apontadas como tendo influenciado os resultados obtidos, apresentando-se como um viés da referida investigação.

Posto isto, elaborar pesquisas que apenas se focam nas razões e motivações das mulheres para a parentalidade não permite compreender o vasto leque de processos de influência e, neste âmbito, as intenções reprodutivas dos homens têm sido bastante descuradas (Cavalli & Rosina, 2011; Rios & Gomes, 2009). Assim, a presente investigação procura dar um contributo no sentido de colmatar estas lacunas por via da compreensão do leque de condições tidas como necessárias para que os homens decidam ser pais.

Sumariamente, e mais uma vez, perante a revisão teórica patente a esta investigação, é de realçar que urge a necessidade de abordar com mais afinco estas temáticas relacionadas com os homens que são pais e aqueles que não são. Para o efeito, o principal objetivo deste estudo será analisar as intenções parentais dos homens, compreendendo as condições percecionadas como necessárias para que se decida ser pai, quer por parte de homens sem filhos (lógica prospetiva) quer por parte de homens com filhos (lógica retrospectiva). Deste modo será possível comparar os dois grupos tendo em vista a verificação de pontos semelhantes ou diferentes entre eles, nomeadamente identificar quais as principais motivações e condições que são simultaneamente antecipadas e experimentadas, identificar circunstâncias que apesar de antecipadas não se concretizam e ainda salientar condições e motivações que não são perspetivadas por homens sem filhos, mas que são relevantes para os já pais.

Tendo em conta a revisão teórica efetuada esperamos que os homens sem filhos destaquem como principais entraves à decisão de ter filhos aspetos como a alteração do seu estilo de vida, assim como se espera que os aspetos financeiros se constituam como uma condição essencial para avançar com a decisão, por parte dos dois grupos alvo. No que toca a diferenças expectáveis relativamente a outros estudos analisados, espera-se que os resultados do presente estudo reflitam a intenção masculina de se tornar pai enquadrada num

determinado *timing* da sua trajetória de vida (ou seja, se aspiram ser pais jovens ou numa idade mais avançada). Uma outra diferença que se espera encontrar, face a resultados anteriores, prende-se com o facto da decisão de ter filhos ser uma decisão ponderada e que dê conta da relevância do acordo com a companheira no âmbito da mesma.

II. Método

2.1. Design do estudo

O presente estudo é de cariz qualitativo e contou com a realização de dois *focus group*. O *focus group* é uma técnica que tem como finalidade a recolha de dados através da interação do grupo sobre um determinado tópico apresentado pelo investigador (Morgan, 1997). O *focus group* é por excelência um método de investigação que se dirige para a recolha de dados, circunscrevendo a interação na discussão do grupo como fonte de dados e reconhece o papel ativo do investigador na dinamização da discussão do grupo para efeitos de recolha dos dados. Uma mais valia desta técnica é que pode ser utilizada em diferentes momentos do processo de investigação.

Por forma a complementar esta definição de *focus group*, Krueger e Casey (2009), salientam ainda que esta é uma técnica que foca a discussão em redor de um determinado assunto, contribuindo assim para uma melhor compreensão do tópico em análise.

Perante uma análise da literatura em torno desta técnica, verifica-se que não existe consenso relativamente ao número aconselhado de participantes para um *focus group*. Contudo, o número mais consensual parece ser de cinco a sete participantes por grupo, facilitando assim uma maior profundidade na abordagem do tema (Kind, 2004). Salientar ainda que a duração média sugerida na literatura de 90 a 120 minutos para a duração do debate (Kind, 2004).

Neste tipo de debate deve existir um moderador e um comoderador, sendo que o primeiro deve ser hábil na discussão e deve manter uma postura de acolhimento diante dos participantes e distanciamento em relação ao tema em debate, por forma a acolher opiniões contrárias de forma respeitosa. Por outro lado, o comoderador deve manter-se atento às intervenções verbais e não-verbais que vão surgindo no desenrolar da discussão. Este elemento é fundamental para validar a investigação uma vez que, tendo uma posição menos ativa, restringindo-se ao registo de comunicações não-verbais, linguagem, atitudes e ordem de respostas consideradas importantes, consegue ter uma visão mais nítida da riqueza ou não do debate. Outro contributo importante da parte do comoderador passa por evitar conclusões precipitadas por parte do moderador (Kind, 2004).

Neste estudo desenvolveram-se dois *focus group*, do tipo semiestruturado, com moderador e co-moderador, havendo somente um encontro para cada um dos grupos, um grupo de homens sem filhos ($n = 8$) e outro de homens com filhos ($n = 6$).

Como técnica de análise de dados adotou-se a análise de conteúdo. Esta técnica caracteriza-se pela procura de explicação e compreensão das falas dos participantes, permitindo fazer inferências, que de forma sistemática e objetiva, identifica características singulares e implícitas do discurso, já que procura conhecer aquilo que está por trás das palavras dos entrevistados (Bardin, 2009). Ainda conforme Bardin (2009), o objeto da análise de conteúdo é a linguagem dos participantes. Ou seja, a análise de conteúdo tem como objeto de estudo a informação revestida de sentido, pelo que foi através desta técnica que se conseguiu compreender os significados que, subjetivamente, se encontraram no discurso dos participantes. Na perspetiva de Sousa (2005) a análise de conteúdo reveste-se de um conjunto de técnicas de análise das comunicações, não se tratando somente de um instrumento, mas de um leque de ferramentas adaptável a um campo de aplicação muito vasto.

De facto, esta técnica permitirá a análise do discurso dos participantes (no caso homens com e sem filhos) sendo uma análise que procura organizar e sistematizar as transcrições dos *focus group* realizados, com o objetivo de permitir a compreensão do material recolhido, permitindo assim apresentar aos demais os resultados obtidos.

2.2. Participantes

Seguindo uma abordagem qualitativa como se adotou neste estudo, não se privilegia uma amostragem aleatória e numerosa, mas antes, uma amostra criteriosa ou intencional, ou seja, a seleção da amostra está sujeita a determinados critérios que permitem ao investigador aprender o máximo sobre o fenómeno em estudo (Vale, 2004).

Deste modo, o primeiro *focus group*, foi desenvolvido com oito homens sem filhos, que foram selecionados de forma intencional, por vivenciarem precisamente o fenómeno que se pretendia estudar – intenção de ter filhos. Os critérios de inclusão para este grupo compreenderam assim homens sem filhos com intenção ou não de ser pais.

O segundo *focus group* foi realizado com seis homens com filhos, tendo-se definido como critérios de inclusão para além de ter filhos, estar numa relação. Contudo, por dificuldades na angariação do número mínimo para o desenvolvimento do *focus group*, um participante divorciado foi também incluído na amostra.

Posto isto, a amostra foi composta por 14 homens, sendo que oito deles não tinham filhos e seis tinham um ou dois filhos. Estes homens tinham idades compreendidas entre os 29 e os 47 anos, encontravam-se a viver em conjugalidade (casados/unidos de facto) com

uma companheira, à exceção de um elemento que se encontrava divorciado. De salientar que cerca de 50% dos participantes detinham formação superior, sendo que os restantes 50% possuem o 9º e o 12º ano de escolaridade. Todos os participantes estavam a trabalhar, evidenciando-se que o número de horas de trabalho do grupo de pais é superior ao número de horas de trabalho do grupo de não-pais. (Tabelas 1 e 2).

Tabela 1. *Dados sociodemográficos dos homens com filhos*

Participante	Idade	Habilitações	Duração da relação conjugal	Horas de trabalho semanais	Idade do cônjuge	Horas de trabalho semanais do cônjuge	Nº de filhos	Idades dos filhos (anos)
F	41 anos	Mestrado	6 anos	50	37 anos	35	1	10 meses
C	47 anos	12º ano	21 anos	+46	46 anos	40	2	11 e 17
AJ	41 anos	12º ano	Divorciado	40	-----	-----	1	8
R	40 anos	Licenciatura	9 anos	+40	39 anos	+40	2	1 e 6
J	31 anos	Licenciatura	10 anos	+40	32 anos	-----	2	5 e 2
B	35 anos	12º ano	9 anos	45	31 anos	40	2	5 e 7

Tabela 2. *Dados sociodemográficos dos homens sem filhos*

Participante	Idade	Habilitações	Duração da relação conjugal	Horas de trabalho semanais	Idade do cônjuge	Horas de trabalho semanais do cônjuge
B	30 anos	12º ano	4 anos	40	28 anos	40
P	29 anos	9º ano	4 anos	40	29 anos	40
R	37 anos	Licenciatura	10 anos	40	34 anos	40
F	35 anos	Licenciatura	6 anos	40	31 anos	40
G	34 anos	Mestrado	2 anos	43	33 anos	50
E	29 anos	Mestrado	3,5 anos	40	29 anos	40
ZM	30 anos	12º ano	5 anos	40	31 anos	25
R	29 anos	Licenciatura	4 anos	40	29 anos	Não se encontra a trabalhar

2.3. Instrumento e Procedimento de recolha dos dados

O recrutamento dos participantes foi efetuado individualmente pela investigadora, tendo sido expostos o propósito do estudo, o modo de recolha de dados (*focus group*) e o modo de garantia da confidencialidade dos dados recolhidos. O recrutamento dos participantes e constituição dos grupos focais durou aproximadamente dois meses. O primeiro *focus group* teve lugar no mês de abril e realizou-se com os homens sem filhos. O segundo *focus group* aconteceu no mês de junho e ocorreu com os homens com filhos.

Os dois debates tiveram lugar na sede de um partido político em Vale de Cambra, no distrito de Aveiro, tendo cada um dos *focus group* a duração aproximada de 90 minutos.

No início de cada sessão de *focus group* o modo de funcionamento do mesmo foi recordado, tendo sido salientada a questão da confidencialidade dos dados, a necessidade de gravação áudio e as regras de conversação durante a sessão. Após acordo foi então assinada a Declaração de Consentimento Informado (Anexo A.), onde todos os participantes assentiram na participação no estudo de livre vontade.

Para a realização dos *focus group* foram construídos dois guiões de entrevista semiestruturados (Anexo B.). As questões foram inicialmente colocadas de forma genérica e, posteriormente aprofundadas, direcionando a discussão para o enfoque do estudo. As grandes temáticas que o guião dos *focus group* contempla são o desejo de ser pai, as condições para ter filhos e os valores e motivações parentais. Utilizou-se ainda uma ficha de caracterização sociodemográfica dos participantes (Anexo C.), preenchida pelos próprios.

No final do encontro foi dada a possibilidade aos participantes de fazerem comentários finais a respeito das questões debatidas, caso não tivessem tido oportunidade do decorrer da sessão. Por fim, após o final da sessão de *focus group*, moderadora e comoderadora reviram as suas anotações relativas a dados subjetivos, isto é, perceções, sentimentos e linguagem não verbal dos participantes.

2.4. Procedimento de análise de dados

O material que emergiu dos *focus group* foi transcrito integralmente e submetido a uma análise de conteúdo manual. As unidades de análise foram as falas dos participantes. Assim, identificou-se *à priori* um conjunto de categorias possivelmente relevantes: i) o processo para ser pai; ii) as condições vistas como necessárias para se tornar pai, e iii) a expectativa vs. vivência do papel parental. No decorrer da análise dos dados refinaram-se

estas categorias dando lugar a uma árvore de categorias distinta para o grupo dos homens com filhos, e para o grupo dos homens sem filhos. Em seguida, procedeu-se à contabilização da frequência com que cada participante mencionou determinada categoria/subcategoria, para cada um dos grupos. O referido processo de análise foi dividido em três grandes etapas. A primeira diz respeito à pré-análise do material, em que foi feita uma leitura flutuante dos dados; na segunda etapa foi feita uma exploração do conteúdo, em que os dados foram codificados e agrupados em grandes categorias/subcategorias, e por fim, a interpretação dos resultados, em que foram definidas as categorias com base na organização do material codificado. Note-se que este tipo de análise viabilizou a análise do discurso dos homens com e sem filhos entrevistados. A análise de conteúdo propriamente dita, foi feita com recurso a uma tabela de codificação das entrevistas (Tabela 3).

Tabela 3. *Matriz de codificação das transcrições*

Categoria	Subcategoria	Unidade de Registo
Aqui serão agregados os grandes temas da entrevista.	Subtemas mais importantes dentro de um determinado grande tema da entrevista.	Fragmentos de texto que se tomam por indicativo de uma característica (categoria e subcategoria).
(1.)	(1.1.)	(1.1.1.)

III. Resultados

Como referido, o objetivo principal da realização do *focus group* foi o de compreender as condições percecionadas como necessárias para que se decida ser pai, quer por parte de homens sem filhos (lógica prospetiva) quer por parte de homens com filhos (lógica retrospectiva).

Desta forma, efetuou-se a análise de conteúdo das respostas dadas pelos homens com filhos às questões colocadas durante o *focus group*, recorrendo à tabela de codificação de respostas (Bardin, 2009), identificando-se três categorias principais: (1) processo para ser pai; (2) aspetos e condições necessárias para ser pai; (3) motivações globais para ter filhos e (4) presente vivência do papel parental (Tabela 4). Relativamente à primeira categoria, esta compreende o tipo de decisão para ter o primeiro filho, nomeadamente se esta se apresentou como uma decisão programada ou se natural. Decisão programada é aquela que implica maior planeamento por parte do casal, enquanto que a natural é aquela decisão que é referida como surgindo de forma sequencial a outras etapas e marcos do desenvolvimento adulto. Engloba-se ainda na categoria processo de decisão a altura em que a decisão ocorre e como esta é articulada com a companheira. A maioria dos participantes referiu ter sido uma decisão ponderada e todos salientam a relevância do acordo com a companheira para a decisão. Ainda assim três participantes salientam o aspeto natural da decisão. De referir que um dos participantes acaba por destrinçar dois tipos de decisão, uma vista como mais natural para a decisão de ter o primeiro filho e outra programada relativamente ao segundo filho. Relativamente à altura em que a decisão é tomada, esta pode ocorrer por vontade de ser pai enquanto jovem ou como uma etapa sequencial aos outros marcos da vida adulta.

Em relação à segunda grande categoria pretendia-se aferir quais as condições tidas como necessárias para a decisão de ter um filho. Emergiram seis subcategorias. Na subcategoria que diz respeito à relevância dos aspetos económicos consideram-se aspetos ligados aos recursos financeiros da família e à estabilidade desses recursos financeiros. A subcategoria, aspetos profissionais, compreende por um lado, preocupações dos pais com a sua ausência devido ao trabalho e com a falta de disponibilidade para os filhos e por outro lado inclui a menção à não existência de qualquer entrave de natureza profissional. Ainda no campo profissional é de salientar referências à situação profissional das companheiras, nomeadamente referências às penalizações que estas tendem a ter quando têm filhos por comparação com os homens. Assim, existem duas referências (dois participantes) que revelam que este constrangimento teve influência na decisão para ter filhos. No entanto, um

participante refere que a situação profissional da companheira não teve qualquer influência na decisão.

Outras condições vistas como importantes para a decisão de ter tido filhos dizem respeito a ter casa própria e a viver próximo de familiares. No entanto, estas condições não são vistas univocamente pelos participantes. Relativamente a ter casa própria, existe uma clara divisão de opiniões, isto é, cerca de metade dos participantes referiram que ter casa própria é um pré-requisito no que toca a ter filhos, enquanto que a outra metade refere que isso não é importante. Já viver nas proximidades de familiares, nomeadamente dos avós da criança, foi tido como muito importante e referido em diversos momentos da discussão, no sentido destes familiares poderem prestar apoio e ajudar na educação e na passagem de valores basilares às crianças. Porém, um participante referiu que apesar de viver nas proximidades dos pais e dos sogros, estes já não podem servir de apoio, uma vez que já não reúnem as melhores condições de saúde. A qualidade da relação mantida com a companheira também parece ser vista como uma condição para a decisão, pois foi referido que no momento em que decidiram ser pais a relação estava favorável, mas a necessitar de algo (um complemento).

No que toca à terceira categoria, relativa às motivações globais para a parentalidade, aspetos como dar continuidade ao legado ou eternizar-se foram tópicos referidos por dois participantes. Os restantes participantes concordaram com estes tópicos, pelo que é passível de se afirmar que todos os elementos presentes no debate pensam da mesma forma relativamente a este assunto. Outra dimensão da categoria motivações diz respeito ao facto de um filho ser visto como dar sentido à vida, assim como a completar. Inclusive, um participante chega a referir que, para si, não ter filhos não fazia qualquer sentido.

Finalmente, no que toca à quarta grande categoria centrada sobre a vivência do papel parental, esta é subdividida em aspetos positivos e negativos dessa experiência e nos valores que se pretende transmitir a um/a filho/a. Efetivamente, para estes participantes os valores a passar a um/a filho/a são vistos como um dos aspetos mais importantes do papel de um pai, salientando-se os valores de respeito, perseverança e educação. Aspetos positivos e negativos do papel parental também mereceram grande destaque, contudo os aspetos positivos, nomeadamente o considerar da experiência de ser pai como a melhor experiência de vida tiveram primazia por comparação com os negativos, que incluíram angústias associadas ao sofrimento dos filhos e incertezas quanto ao seu futuro.

Tabela 4. Codificação das respostas dos homens com filhos

	Categoria	Subcategorias	Unidade de Registo
1. Processo para ser pai	1.1. Tipo de decisão	1.1.1. Decisão programada (4 ref.*)	1.1.1.1. “a decisão surgiu naturalmente (...) e foi uma decisão ponderada” (F, 41 anos)
			1.1.1.2. “No meu caso também foi planeado, casei-me e depois resolvemos ter a primeira filha” (AJ, 41 anos)
		1.1.2. Decisão natural (3 ref.)	1.1.2.1. “eu acho que tudo foi natural. Eu namorei 7/8 anos, estamos casados há 9 e essa decisão foi como se fosse um passo normal (...)” (R, 40 anos)
			1.1.2.2. “Nós casamos de forma muito espontânea e, entretanto, ter um filho surgiu naturalmente (...)” (J, 31 anos)
			1.1.2.3. “(...) de forma natural tivemos a nossa primeira filha (...) a segunda filha veio há um ano atrás, foi planeada” (R, 40 anos)
	1.2. Altura da vida	1.2.1. Após alguns anos de casamento (2 ref.)	1.2.1.1. “casei-me e depois resolvemos ter a primeira filha” (AJ, 41 anos)
			1.2.1.2. “(...) passado dois anos de estar casados, de forma natural, sem grandes planos” (R, 40 anos)
		1.2.2. Ser pai jovem (2 ref.)	1.2.2.1. “Eu acima de tudo quis ser pai novo (...) quero que ele sinta que está ali um pai e um amigo” (J, 31 anos)
			1.2.2.2. “Eu e a minha esposa tivemos desde sempre a ideia, enquanto namorados ainda, de ser pais cedo” (B, 35 anos)
	1.3. Decisão conjunta (6 ref.)		1.3.1. “eu e a minha esposa estivemos sempre em concordância” (B, 35 anos)
			1.3.2. “O relacionamento vai-se construindo diariamente e nós fomos tendo a necessidade de crescer e surge a possibilidade de ter um filho” (J, 31 anos)
2. Condições necessárias para ser pai	2.1. Relevância dos aspetos económicos (2 ref.)		2.1.1. “hoje em dia temos que dar tudo aos nossos filhos, se assim não for eles na escola vão ser discriminados, e isto está completamente errado e afeta muito na decisão de ser ou não ser pai” (B, 35 anos)
			2.1.2. “financeiramente também estou estável” (F, 41 anos)

2.2. Aspectos profissionais	2.2.1. Disponibilidade para a família (3 ref.)	2.2.1.1. <i>“Eu nos primeiros anos de vida dos meus filhos fui praticamente um pai ausente, foi uma fase da minha vida em que eu corria o país todo e não estava cá”</i> (J, 31 anos)
		2.2.1.2. <i>“Se fosse há 7/8 anos atrás condicionaria, dada a minha envolvimento profissional”</i> (F, 41 anos)
	2.2.2. Ausência de entraves profissionais (2 ref.)	2.2.2.1. <i>“a vida profissional nunca foi obstáculo”</i> (AJ, 41 anos)
		2.2.2.2. <i>“A progressão na carreira não condicionou”</i> (C, 47 anos)
2.3. Situação profissional das companheiras	2.3.1. Limitadora da decisão (2 ref.)	2.3.1.1. <i>“a situação profissional condicionou (..) tivemos que conciliar com o trabalho dela, isso sim”</i> (R, 40 anos)
		2.3.1.2. <i>“Eu acho que a mulher é a principal lesada, mas o homem também (...) ela vai estagnar na carreira”</i> (J, 31 anos)
	2.3.2. Sem influência na decisão (1 ref.)	2.3.2.1. <i>“A progressão na carreira não condicionou, a minha mulher é professora e eu no trabalho que faço pouco se progride também, portanto, nunca colocamos isso em questão”</i> (C, 47 anos)
2.4. Importância de casa própria	2.4.1. Não é um fator importante (2 ref.)	2.4.1.1. <i>“Não sei se será um fator que influencie essa decisão”</i> (C, 47 anos)
		2.4.1.2. <i>“No meu caso, nem sequer se considerou”</i> (F, 41 anos)
	2.4.2. Visto como pré-requisito (1 ref.)	2.4.2.1. <i>“É muito subjetivo isso de ter casa própria (...) mas na minha opinião ter casa própria é um pré-requisito”</i> (R, 40 anos)
2.5. Importância de ter a família nas proximidades (3 ref.)		2.5.1. <i>“pré-requisito (...) dá muito conforto saber que temos os pais ou os sogros por perto”</i> (R, 40 anos)
		2.5.2. <i>“optamos por viver junto com os meus sogros (...)”</i> (B, 35 anos)
		2.5.3. <i>“Eu acho que aqui importa muito o papel dos avós (...) tê-los por perto é muito importante”</i> (C, 47 anos)
2.6. Boa relação com a companheira (2 ref.)		2.6.1. <i>“filhos surgem, normalmente, numa altura em que a relação está boa”</i> (AJ, 41 anos)
		2.6.2. <i>“éramos só os dois sozinhos e faltava ali algo”</i> (C, 47 anos)

3. Motivações globais para ter filhos	3.1. Dar sentido à vida, completar (3 ref.)	3.1.1. <i>“Para mim eu senti que não fazia sentido não ter filhos”</i> (R, 40 anos)
		3.1.2. (sem filhos) <i>“digamos que é uma vida sem sentido (...)”</i> (F, 41 anos)
		3.1.3. <i>“mas sim a necessidade de nos completar. É a cereja em cima do bolo”</i> (C, 47 anos)
4. Presente vivência do papel parental	3.2. Dar continuidade à família (2 ref.)	3.2.1. <i>“o que que eu ando aqui a fazer no mundo se não sou capaz de deixar um legado, não deixar nada meu, a minha marca, portanto, a continuidade da minha linhagem, da minha família”</i> (F, 41 anos)
		3.2.2. <i>“O meu objetivo era ‘eternizar-me’, e a única forma que eu tinha de me eternizar era tendo filhos”</i> (J, 31 anos)
	4.1. Valores a passar (3 ref.)	4.1.1. <i>“eu quero deixar-lhes educação, formação (...) o resto elas conseguem, com sorte e perseverança. E (...) um bocadinho de respeito pelos outros”</i> (R, 40 anos)
		4.1.2. <i>“O meu maior orgulho era puder passar aos meus filhos que eles têm que lutar por aquilo em que acreditam”</i> (J, 31 anos)
	4.2. Aspectos positivos (4 ref)	4.2.1. <i>“Ser pai tem tudo de positivo e nada de negativo”</i> (R, 40 anos)
		4.2.2. <i>“Venha o que vier não há nada melhor que os filhos, nada (...)”</i> (C, 47 anos)
		4.2.3. <i>“eu acho que tudo muda quando assistimos ao nascimento de um filho”</i> (C, 47 anos)
		4.2.4. <i>“O nascimento dos meus filhos, para mim foi das coisas mais fantásticas que já me aconteceu”</i> (J, 31 anos)
	4.3. Aspectos negativos (2 ref)	4.3.1. <i>“O único aspeto negativo é que quando eles estão doentes nós não sabemos o que lhes havemos de fazer, e sofremos tanto por eles”</i> (C, 47 anos)
		4.3.2. <i>“Ser-se pai é a incerteza quanto ao futuro”</i> (C, 47 anos)

*nº de participantes que mencionou a categoria/subcategoria

Procede-se agora à análise das respostas dadas pelos homens sem filhos às questões colocadas durante o *focus group*, recorrendo à tabela de codificação de respostas (Bardin, 2009) e identificando-se quatro categorias principais: (1) processo de decisão; (2) aspetos e condições necessárias para ser pai; (3) antever o papel parental e (4) razões adicionais para o adiamento da parentalidade (Tabela 5).

No âmbito da primeira categoria surge em primeira instância a questão das intenções de ser pai. Neste primeiro tópico todos os participantes, sem exceção, manifestam essa intenção. Os mesmos, quando pensam nesta questão fazem-no já como sendo um desejo/intenção partilhado com a companheira, referindo que o casal quer ter filhos na mesma medida. Um elemento refere que ambos manifestam o desejo de ter filhos, mas neste momento encontram-se a refletir e em busca do *timing* certo para o casal. Relativamente à segunda categoria, que diz respeito a aspetos e condições necessárias para ser pai, destacam-se aspetos económicos, como a estabilidade económica e a relevância da conjuntura económica. Aqui, um participante refere que equaciona ter filhos uma vez que as questões económicas estão estáveis, na sua vida. Contudo, dois elementos referem ter como inquietação o facto de a conjuntura económica do país poder ter impacto naquilo que poderão disponibilizar ao seu filho/à sua filha.

Na subcategoria seguinte, relativa aos aspetos profissionais, alguns participantes referem que as possibilidades de progressão na sua carreira podem ser limitadas pela decisão de ter filhos e outros consideram que mais do que esta progressão, o que determina a decisão é a estabilidade profissional. Adicionalmente, é referido por dois elementos que estes constrangimentos de natureza profissional estão mais associados às mulheres (potenciais mães). Seguidamente sobressaem outros aspetos como o facto de se ter casa própria, de se viver nas proximidades de familiares ou aspetos ligados com a relação conjugal. Quanto ao primeiro aspeto, e de forma semelhante aos homens com filhos, enquanto um participante refere que ter casa própria não é um fator que pese na decisão de ser pai, outros consideram-no um pré-requisito, referindo mesmo que se não é possível esta independência de moradia, a sua capacidade enquanto pai seria questionável. No que respeita ao facto da importância de se viver próximo de familiares, os participantes entendem-no como sendo fundamental e como sendo um facilitador da decisão, pois estes familiares (nomeadamente os avós) são tidos como um suporte.

Os aspetos da relação conjugal também são tidos em linha de conta e é referido que na lógica da estabilidade, casamento ou relação duradoura segue-se naturalmente a vontade de ser pai para completar a relação.

A terceira grande categoria diz respeito à antevisão do desempenho do papel parental. Aqui os participantes anteveem quer aspetos negativos, quer positivos e inquietações relativas à educação e aos valores a passar a um filho. O facto de um filho poder modificar o estilo de vida é tido como um aspeto negativo, e é mesmo referido que um filho pode atrapalhar (expressão do participante) muito quando se quer viajar, por exemplo. No âmbito

destas interferências no estilo de vida, um participante chega a levar esta ideia ao extremo, referindo-se a um anulamento no sentido pessoal e social dos pais quando têm um filho. Para além das alterações no estilo de vida, as incertezas e desconhecimento associados à condição de ser pai são também inquietações.

Quanto a aspetos positivos, todos os participantes apontam que a parentalidade lhes pode trazer mais maturidade, responsabilidade, sentimento de realização pessoal, mais sentido para a vida e pode fazê-los crescer enquanto homens. Em relação à educação dos filhos e valores a serem transmitidos, os elementos do grupo referem a humildade, respeito pelo outro e educação. Referem ainda o facto de dar continuidade à educação que tiveram, isto é passar aos filhos os valores que os seus pais lhe passaram.

Por fim, a última categoria engloba aspetos relacionados com outras razões do adiar da decisão de ser pai e surge essencialmente como resultado da reflexão efetuada durante o próprio processo de discussão do *focus group*. A reflexão surge após constatação por parte de um participante e questionamento aos demais de que apesar destes participantes parecerem reunir as condições, que eles próprios apontaram como essenciais, para ter filhos, continuam a adiar. Posta a questão chegam à conclusão que ainda não são pais por comodismo e egoísmo, essencialmente.

Tabela 5. *Codificação das respostas dos homens sem filhos*

Categoria	Subcategorias	Unidade de Registo
1. Processo de decisão	1.1. Intenção de ser pai (8ref*)	1.1.1. (Todos os homens responderam afirmativamente a esta questão)
	1.2. Desejo/Intenção partilhado (3 ref.)	1.2.1. <i>“acho que queremos os dois na mesma medida, não há assim grandes diferenças, falamos várias vezes sobre isso”</i> (B, 30 anos)
		1.2.2. <i>“É uma intenção dos dois, refletimos bastante sobre isso, agora é uma questão de timing”</i> (F, 35 anos)
		1.2.3. <i>“Temos a mesma vontade, embora que eu ache que o homem tende a estar mais relaxado nestas coisas, porque um homem pode ter um filho em qualquer idade e a mulher não”</i> (G, 34 anos)

2. Aspectos e condições necessárias para ser pai

2.1. Relevância dos aspetos económicos	2.1.1. Estabilidade económica (1 ref.)	2.1.1.1. “(...) questões económicas que, estão estáveis, neste momento” (ZM, 30 anos)
	2.1.2. Relevância da conjuntura económica (2 ref.)	2.1.2.1. “A conjuntura económica do país pode interferir na preocupação de conseguirmos dar o melhor ao nosso filho” (ZM, 30 anos) 2.1.2.2. “existe uma pressão social que parece que é preciso ter mais que aquilo que os nossos pais tiveram e mais que aquilo que o vizinho tem” (R, 37 anos)
2.2. Aspetos profissionais	2.2.1. Progressão na carreira dos homens (CH) e das respetivas companheiras (CC) como entrave à decisão de ter filhos (4 ref.)	2.2.1.1. “A possibilidade de progressão na carreira (da companheira) pode ser um entrave ou um facilitador à decisão” (F, 35 anos) - CC 2.2.1.2. “É mais para a mãe, não tanto para o pai” (G, 34 anos) - CC 2.2.1.3. “Eu diria que é um adiar a decisão” (ZM, 30 anos) - CH 2.2.1.4. “Mas condiciona muito o homem porque se este quer ter uma carreira internacional provavelmente vai ter muitas dificuldades” (G, 34 anos) - CH
	2.2.2. Importância da estabilidade profissional (2 ref.)	2.2.2.1. “Acho que não é tanto a conjuntura económica, acho que é mais a estabilidade profissional” (R, 37 anos) 2.2.2.2. “acho que é mais a estabilidade profissional” (R, 29 anos)
2.3. Importância de casa própria	2.3.1. Não é um fator importante (1 ref.)	2.3.1.1. “Eu não acho minimamente relevante, pois se tivesse um bebé amanhã e vivesse com os meus pais estava ainda mais tranquilo em relação ao bebé” (R, 37 anos)
	2.3.2. Visto como pré-requisito (2 ref.)	2.3.2.1. “É fundamental, é das primeiras coisas em que se pensa antes de ter filhos é ter casa própria” (F, 35 anos) 2.3.2.2. “não concebo a ideia de ter um filho sem ter casa própria, pois se eu não sou capaz de ter independência como é que vou ser capaz de ter um filho” (E, 29 anos).

3. Antever o papel parental	2.4. Importância de ter a família nas proximidades (3 ref.)		2.4.1. <i>“Eu concordo que viver na proximidade dos pais é fundamental”</i> (ZM, 30 anos)
			2.4.2. <i>“ter os pais por perto é mais fácil”</i> (B, 30 anos)
			2.4.3. <i>“vejo os meus pais como um suporte e acho que viver perto dos pais é uma dádiva para quem quiser ter filhos”</i> (R, 37 anos)
	2.5. Aspetos da relação conjugal (2 ref.)		2.5.1. <i>“com o avançar da relação noto que falta algo à relação, um complemento”</i> (E, 29 anos)
			2.5.2. <i>“porque a vida se encontra mais estável, vou casar este ano, tenho uma relação estável, duradoura”</i> (R, 29 anos)
	3.1. Aspetos negativos	3.1.1. Modificar o estilo de vida (3 ref.)	3.1.1.1. <i>“por exemplo viajar com filhos atrapalha muito”</i> (G, 34 anos)
			3.1.1.2. <i>“Sim, férias, saídas à noite”</i> (R, 29 anos)
		3.1.2. Anulamento (2 ref.)	3.1.2.1. <i>“Há pais que se anulam, que quase ‘morrem para a vida’”</i> (R, 29 anos)
			3.1.2.2. <i>“A maior parte das pessoas que eu conheço muda radicalmente, deixam de fazer tudo e mais alguma coisa quando se tornam pais”</i> (G, 34 anos)
		3.1.3. Incertezas associadas a ser pai (1 ref.)	3.1.3.1. <i>“o medo aparece associado a decisão de ter filhos, o medo do desconhecido”</i> (R, 29 anos)

	3.2. Aspectos positivos	3.2.1. Maturidade, responsabilidade, crescimento, realização pessoal e sentido para a vida (8 ref.)	<p>3.2.1.1. <i>“Como homem vai-me fazer crescer!”</i> (R, 29 anos)</p> <p>3.2.1.2. <i>“Vou-me sentir bem-sucedido!”</i> (E, 29 anos)</p> <p>3.2.1.3. <i>“acho que ser pai me vai completar mais enquanto homem”</i> (R, 37 anos)</p> <p>3.2.1.4. <i>“Eu acho que é mesmo o sentir-nos realizados”</i> (F, 35 anos)</p> <p>3.2.1.5. <i>“trar-me-ia um bocado de sentido”</i> (R, 37 anos)</p> <p>3.2.1.6. <i>“Um sentido para a vida sim, sobretudo”</i> (P, 29 anos)</p> <p>3.2.1.7. <i>“Acho que sendo um objetivo de vida, acho que me vinha dar força para as ‘guerras do dia-a-dia’”</i> (ZM, 30 anos)</p> <p>3.2.1.8. <i>“A mim como homem vai-me fazer crescer, acho que no fundo um filho é o maior desafio da vida de cada um de nós”</i> (R, 29 anos)</p> <p>3.2.1.9. <i>“maturidade”</i> (E, 29 anos)</p>
	3.3. Educação e valores a transmitir a um filho (3 ref.)		<p>3.3.1. <i>“Humildade”</i> (B, 30 anos)</p> <p>3.3.2. <i>“Um valor que vou passar e que o meu pai me passou é que acima de tudo há que ter educação e há que se saber comportar”</i> (E, 29 anos)</p> <p>3.3.3. <i>“Acima de tudo respeito para com o próximo”</i> (F, 35 anos)</p>
	4.1. Comodismo, egoísmo, adiar (4 ref.)		<p>4.1.1. <i>“Eu acho que o comodismo está ligado sim”</i> (F, 35 anos)</p> <p>4.1.2. <i>“Eu acho que é um pouco de egoísmo até, porque se calhar nós já temos as condições para ter um filho”</i> (R, 37 anos)</p> <p>4.1.3. <i>“a vida de casado, mas sem filhos é tão boa que nós inconscientemente dizemos não - ainda é cedo para ter filhos e vamos adiando”</i> (R, 37 anos)</p>
	4. Razões adicionais para o adiamento da parentalidade		

*nº de participantes que mencionou a categoria/subcategoria

IV. Discussão

O presente estudo teve como objetivo principal conhecer quais as condições percecionadas como necessárias para que se decida ser pai. Abordamos estas condições quer numa lógica prospetiva, junto de homens sem filhos, quer numa lógica retrospectiva, junto de homens com filhos. Para tal realizou-se dois *focus group*, um com cada grupo-alvo, onde foram colocadas questões acerca do processo de decisão de ser pai, das condições percecionadas como importantes para esta decisão, dos fatores que levam a adiar ou a concretizar a decisão. Grosso modo, os resultados foram consistentes com a literatura analisada. Porém, parecem apontar para algumas especificidades merecedoras de reflexão.

Posto isto, quando comparadas as categorias que emergiram dos dois *focus group* verificamos algumas semelhanças e algumas diferenças. No que respeita ao desejo e intenção de ser pai, todos os participantes, com ou sem filhos, revelaram que este desejo foi sempre algo que os acompanhou durante a vida. Os homens com filhos revelaram dois tipos de decisão, uma mais programada e de acordo com a companheira e outra que resulta de um passo natural na progressão da relação conjugal e de uma vida estável, quer a nível económico, quer a nível profissional. Efetivamente, de acordo com Bartholomaeus e Riggs (2017) para os homens, ter filhos é entendido como sendo um impulso, como algo inato ou natural. Consideramos o momento da vida do homem, assim como do casal no âmbito desta discussão e é merecedor de reflexão um dos dados a que chegamos que se prende com o facto da vontade de querer ser pai jovem. Ora estes dados são muito pertinentes na medida em que não aparece literatura que comtemple esta especificidade, constituindo-se assim como uma mais valia desta investigação.

Os homens sem filhos, por seu lado tendem a referir uma decisão essencialmente programada ou planeada, isto é, apesar de todos admitirem querer ter filhos, tal decisão ainda aparece condicionada por alguns aspetos que ainda são ponderados. Quando questionados acerca da intenção de ser pais e quais as razões que os levam a pensar nessa possibilidade, as suas respostas aproximam-se daquelas que foram dadas pelos homens com filhos, surgindo também e nesta lógica a questão da decisão conjunta no que toca a ter filhos. Posto isto, o processo de decisão de ter um filho deve por isso ser analisado ao nível do casal. Procurar somente as razões e motivações de um dos elementos não nos permite compreender globalmente este fenómeno (Cavalli & Rosina, 2011).

Portanto, a nossa investigação vem contribuir para a análise desta temática, enfatizando que não devemos descurar o papel quer da mulher quer do homem quando falamos em intenções parentais.

A segunda grande categoria de análise centrou-se sobre os aspetos e condições necessárias para ser pai. Os homens sem filhos consideraram a conjuntura e a estabilidade económica como aspetos chave na hora de decidir ser pai. Assim, compreende-se que os homens sem filhos dão mais realce a estas questões por comparação com os homens com filhos. Porventura, tal evidência poderá estar relacionada com o facto de ainda não terem vivenciado a experiência da parentalidade, não possuindo uma visão tão nítida da realidade como os homens com filhos. Porém, de um modo geral a estabilidade na vida assim como ao nível económico foi apontada por todos os participantes como um fator preponderante na decisão. Os homens com filhos afirmaram que só quando conseguiram uma vida familiar estável ao nível económico é que tiveram o primeiro filho. Pensa-se que esta valorização da dimensão económica se deva, certamente, à importância que o homem atribui ao seu papel de provedor principal dos recursos familiares (Wall, Aboim & Cunha, 2010). A par destes surgem os aspetos profissionais que integram questões como a progressão na carreira, quer dos homens quer das suas companheiras, bem como a importância da estabilidade profissional.

Todavia, a par desta última questão (estabilidade profissional) surge a necessidade de ter disponibilidade para a família como facilitador ou não da decisão. Merece a pena refletir sobre esta questão uma vez que ela só é referida no grupo dos homens com filhos. Note-se que os homens portugueses revelam possuir elevados níveis de stress devido à falta de tempo para a família. Assim, este indicador relaciona-se com a questão da conciliação entre o trabalho e a parentalidade e entende-se que esta questão é cada vez mais uma preocupação de muitos homens (Guerreiro & Carvalho, 2007). Tal aspeto pode ser explicado à luz da concessão de “novo pai”, sendo que, os pais contemporâneos têm a perceção de que possuem uma maior responsabilidade no cuidado diário dos filhos e de que passam mais tempo com os filhos do que passavam os pais de gerações anteriores (Lamb, 2010; Pleck, 1997). Idealmente, os “novos pais” são carinhosos, desenvolvem um relacionamento emocional próximo com os seus filhos, passam mais tempo com estes e partilham os cuidados prestados às crianças com as mães (Wall & Arnold, 2007). Nesta lógica, num estudo de Wall et al., (2010) os homens entrevistados revelam que já começa a ser reconhecida a legitimidade social de algumas práticas, como sendo o exemplo de sair mais

cedo do trabalho ou ficar em casa após o nascimento de um filho, mas também aludem os fortes constrangimentos e a reprovação social que pesam sobre eles.

Outro aspeto muito premente tem que ver com a situação profissional das companheiras, que pode ser limitadora ou não da decisão de ter filhos. Aqui voltamos a reforçar que quando se tratam de questões desta índole referir-mo-nos ao homem isoladamente, isto é, sem considerar a situação conjugal nesta análise é limitador. Entenda-se que a presença da mulher no mercado de trabalho é indiscutível, apesar disso é também consensual que quando o casal tem um filho deverá ser a mãe, quem abdica da profissão em detrimento do cuidado à criança (Aboim, 2010). No sentido de ir ao encontro dos dados obtidos, de facto o mais comumente observado na sociedade aquando do nascimento de um filho não é o desinvestimento do homem na carreira, mas ao da companheira. A literatura mostra e os nossos dados também que, nas famílias com filhos os homens percebem que as suas companheiras padecem de um maior desinvestimento ao nível profissional numa lógica de conseguir fazer face aos múltiplos papéis que desempenha (Katz-Wise, Priess & Hyde, 2010). Perante este facto, e apesar de atualmente existirem cada vez mais expectativas relativamente ao homem no papel de cuidador, esta situação é ainda limitada na sua extensão no contexto português (Amâncio, 2007).

Posto isto, é de salientar um outro aspeto interligado com a questão económica e com a importância das questões profissionais na hora de decidir ter um filho. É curioso que para os homens sem filhos, ter um filho é perspectivado como condicionando a própria progressão na carreira, nomeadamente para quem aspira uma carreira internacional, sendo que pode constituir um entrave à chegada do primeiro filho. Contudo, para os homens com filhos o aspeto da progressão na carreira é colocado ao nível das suas companheiras, considerando que são elas quem mais padece de limitações a esse nível. Tal constatação aparece imprimida nos nossos dados e é referida por todos os participantes. De facto, e de acordo com um estudo realizado por Hewlett (2002), quando o assunto é investimento na carreira, a maternidade e a paternidade apresentam resultados opostos, uma vez que quanto mais bem-sucedido for o homem, maior a probabilidade de este encontrar uma companheira e se tornar pai. Já quando as mulheres são consideradas ultra empreendedoras, verifica-se que cerca de metade não têm filhos, indicando que, além dos desafios relacionados com a carreira, possuem também desafios relacionados com a maternidade (Hewlett, 2002).

Ainda relativamente aos fatores económicos, é assegurado por um participante do focus group de homens com filhos que estes pesaram mais quando equacionaram a chegada do segundo filho. Este aspeto salienta a importância de se perceber quais são as condições

tidas como importantes na decisão de ter o primeiro filho e se estas se mantêm para o segundo filho ou se existem outras a considerar. Esta destrição não foi analisada de modo sistemático no presente estudo, mas poderá constituir o mote para investigações futuras. Os homens sem filhos consideraram que, ter e criar uma criança implica um grande investimento económico, pelo que este é dos aspetos mais importantes na altura de considerar ter um filho.

Atualmente, quer homens quer mulheres parecem almejar estabilidade em todos os aspetos da vida antes de pensarem ser pais. Assim, planear a parentalidade tendo como condição a estabilidade profissional, afetiva e financeira dá destaque a objetivos de natureza individual, dando menos visibilidade às questões relacionadas com a procriação, como são apontadas por Bradt (1995); Carvalho e Caetano (2011); Matias, Silva e Fontaine (2011) e Nascimento e Têrzi (2010) e como aliás aparecem explanadas nos nossos dados.

Porém, a parentalidade traz consigo mudanças, sejam ao nível do trabalho, da vida social ou da vida afetiva. Por esse motivo, parece haver uma forte necessidade de cumprir certos objetivos financeiros, profissionais e amorosos antes de ter um filho (Matos & Magalhães, 2014) aspetos que também vão ao encontro dos resultados obtidos por meio da presente investigação. Ter filhos pode também significar a necessidade de diminuição das ambições pessoais, o distanciamento da carreira, e a impossibilidade de adquirir determinados bens de consumo que outrora seriam perfeitamente passíveis de possuir. Ter um filho significa ter alguém diretamente dependente de nós, sendo que tal aspeto pode comprometer a autonomia e a independência dos pais (Bauman, 2004).

Assim, outras especificidades como possuir casa própria, viver nas imediações de familiares e aspetos relacionados com a relação conjugal são tidos em linha de conta neste processo de tomada de decisão, isto porque tais aspetos remetem para maior segurança e estabilidade económica (Bruschini & Ridenti, 2013). Ora o facto de, quer homens com filhos quer homens sem filhos valorizarem a decisão de ter filhos no contexto da relação conjugal vai ao encontro dos estudos de Perloe e Gail (1995) que referem, nomeadamente, que uma das dimensões mais importantes no que toca à motivação para a parentalidade são as necessidades inerentes a uma relação conjugal. Muitos homens olham para os filhos como sendo uma peça fundamental na consolidação da relação.

No que toca à importância de viver próximo de familiares, é de referir que/e para ambos os grupos a proximidade dos avós é vista como de extrema importância para a decisão de ter filhos e um fator positivo para o crescimento e desenvolvimento das crianças, além de serem vistos como uma grande ajuda no processo de criar os filhos, seus netos. Hoje em dia,

os avós vivem mais anos, são mais saudáveis e com mais poder económico, educação e formação, o que faz com que estes possam acompanhar o crescimento dos netos e ajudar na sua educação (Sousa, Figueiredo & Cerqueira, 2006). No contexto português os avós e os apoios informais à conciliação, como são exemplo outros familiares, detêm um papel crucial na gestão do dia-a-dia de um casal com filhos. A organização do trabalho nas empresas está direcionada para longas jornadas de trabalho (aliás como se pode verificar pelo número de horas de trabalho semanais dos participantes neste estudo e das suas companheiras) e as medidas implementadas pelo estado como a criação de mais estruturas de apoio à infância não são suficientes para fazer face a esta demanda (Matias, Silva & Fontaine, 2011). Torres, Mendes e Lapa (2006) vêm reforçar que em Portugal existe escassez de apoios sociais, de entre os quais sobressai a falta de serviços e equipamentos públicos de apoio às famílias. Denota-se que os investimentos, quer por via protocolar, quer por via de subsídios ou outras formas consideradas adequadas em infraestruturas de apoio à infância ainda se encontram deficitárias.

No que toca à perceção do desempenho do papel parental, comparou-se as perspetivas dos pais, que já exercem esse papel, com as expectativas dos homens sem filhos sobre como será essa vivência. Os homens com filhos são unânimes a afirmar que a experiência de ser pai é a melhor experiência da vida, apontando como aspetos negativos o sofrimento dos filhos quando estes estão doentes e a incerteza em relação ao futuro destes, algo que vêm com angústia. Consideram que é uma experiência única e gratificante que compensa todas as mudanças que aconteceram nas suas vidas. Com uma outra visão sobre este aspeto, os homens sem filhos anteveem mais aspetos negativos relacionados com a alteração do estilo de vida atual, por exemplo, no que toca a fazer viagens e férias, ou saídas à noite. Consideram que o seu dia-a-dia irá ser muito condicionado, e que vão deixar de conseguir fazer o que normalmente faziam. Note-se que estes custos, relativos à condição de ser pai, não foram referidos pelos homens com filhos. Porém, como aspetos positivos, os homens sem filhos consideram que, ter um filho lhes vai permitir dar mais sentido à sua vida, mais responsabilidade, mais maturidade e um maior sentimento de realização pessoal, sentir-se cuidador de alguém (um filho). Os resultados obtidos no presente estudo não deixam de ser interessantes uma vez que, a literatura salienta que ser pai não é visto como fundamental para a identidade dos homens, na medida em que a parentalidade é mais relacionada com a identidade das mulheres (Hinton & Miller, 2013). Contudo, os nossos dados mostram exatamente o contrário, ou seja, ser pai mostra-se como importante para a identidade dos homens. Outro aspeto que importa destacar prende-se com a transmissão de valores

educativos e torna-se curioso pensar sobre isto, na medida em que aquilo que foi referido aponta para uma transmissão tendo em linha de conta aqueles que foram os valores endossados pelos seus progenitores. A continuação não só da família, mas também dos valores defendidos por esta são aspetos particularmente salientes para os homens.

Sinteticamente, apesar dos custos associados à parentalidade que sobressaem dos dados obtidos, os homens entrevistados foram capazes de perspetivar a vivência do papel parental como um desafio que lhes poderá trazer mais valor enquanto pessoas, isto no grupo dos homens sem filhos. No grupo dos homens com filhos tal constatação foi evidente por meio da valorização de mais benefícios e menos custos, oriundos da experiência parental. Cabe salientar que de entre os dois tipos de benefícios associados à parentalidade, os benefícios emocionais são efetivamente os mais valorizados (Stöbel-Richet et al., 2005) e passam por destacar o facto de um filho dar sentido à vida, sendo que vem completar a relação e mais concretamente o homem enquanto ser humano. Um outro aspeto que sobressai dos resultados e que aparece referenciado em outras investigações existentes sobre as questões da parentalidade, nomeadamente no estudo de Bartholomaeus e Riggs (2017), com homens que se encontram a planear ter o primeiro filho, está relacionado com facto do homem ter a necessidade de dar continuidade à família, deixar um legado, uma marca no mundo, surgindo mesma a ideia de “eternização”.

Uma possível explicação para o facto de os homens com filhos valorizarem mais os benefícios associados à parentalidade e desvalorizarem mais os custos do que os homens sem filhos, pode dever-se ao facto destes apenas se colocarem na vivência do papel parental, não estando ainda nessa condição. A experiência do papel parental parece assim permitir antecipar as dificuldades e satisfações que poderão advir desse papel, enquanto que, para os homens sem filhos, esta será uma situação desconhecida e por isso pautada por maior incerteza e ambivalência (O’Laughlin & Anderson, 2001; Stöbel-Richet et al., 2005).

Relativamente às motivações positivas destacam-se a continuidade familiar, imortalidade e a preservação da espécie (Cassidy & Sintrovani, 2008; Van Balen & Trimbos-Kemper, 1995) como aspetos que mereceram relevo no presente estudo. Quanto às motivações negativas, em paralelo com as mais referidas neste trabalho, dá-se destaque aos constrangimentos relacionados com a autonomia pessoal, alteração do estilo de vida e carreira profissional (Carmichael & Whittaker, 2007). Além destes aspetos, Marques (2008) considera a parentalidade como algo de maravilhoso, constituindo uma fonte de gratificação e de enaltecimento da identidade tanto para os indivíduos como para o casal.

No *focus group* desenvolvido com os homens sem filhos, após a reflexão causada por meio da discussão, os participantes acabaram por atribuir o seu adiamento da decisão de ter filhos ao comodismo e também ao egoísmo. Consideraram, todos eles, reunir as condições tidas para eles como necessárias para decidirem ter filhos, uma vez que têm uma vida estável, quer a nível da relação conjugal, quer a nível económico e profissional. Olhar para o adiamento da parentalidade como um ato de comodismo e egoísmo merece ser refletido pois, na década de 1960, não ter filhos era considerado uma atitude egoísta, devendo o casal ter quantos filhos pudesse. Nos anos que se sucedem aparece uma força contrária à procriação, pautada pela procura do eu: auto atualização, auto potencial, autorrealização (Bradt, 1995). Esta última ideologia prolongou-se até à atualidade. Assim, a presente investigação teve a preocupação de deixar um contributo no sentido de melhor se perceber as questões envolvidas na decisão de ter filhos.

Por fim, os homens com filhos fecham o seu momento de reflexão reforçando a ideia de que para eles não há melhor experiência do que a paternidade.

Considerações finais

Por meio da presente investigação podemos retirar como principal conclusão deste estudo a importância atribuída às condições económicas e profissionais no momento em que o homem decide ser pai. A decisão de ser pai ou mãe é tida, na literatura, como sendo uma decisão racional onde as vantagens, e por outro lado as desvantagens são ponderadas (Matias, Silva & Fontaine, 2011), e tal evidência pôde ser constatada nos nossos resultados.

Contudo, as mudanças ocorridas nas configurações familiares, que decorrem das demandas sociais e contemporâneas atuais têm levado à manifestação de maior interesse sobre a importância da figura paterna na família (Borsa & Nunes, 2011) e sobre as intenções reprodutivas dos homens. Deste modo, é essencial que as investigações nesta área acompanhem estas novas demandas. Urge também o desenvolvimento de abordagens que permitam uma melhor compreensão das motivações que aparecem associadas à parentalidade por parte dos homens, no contexto português atual, isto, pois são escassas as investigações nacionais nesta área. Neste sentido, entenda-se o que está referido acima como uma pista para investigações futuras.

Não obstante o contributo do presente estudo para a compreensão das condições tidas como necessárias para a decisão de ter filhos, o mesmo não se encontra isento de algumas limitações. Além de reduzida, a amostra de conveniência foi maioritariamente composta por homens com formação superior e com estabilidade no emprego. Tais características sociodemográficas podem ter condicionado os resultados obtidos. Acrescentar que, as limitações da amostra não viabilizam a generalização dos resultados a outras amostras e contextos. Surge, nesta lógica, uma potencialidade para um estudo futuro que estabeleça a comparação entre homens mais escolarizados com homens menos escolarizados, procurando semelhanças e diferenças naquilo que são as condições necessárias para ser pai, quer para um grupo quer para outro.

Ter um filho, para os homens participantes neste estudo, parece implicar uma gestão da sua vida pessoal, económica e profissional, mas também da sua companheira. Posto isto, ressalta uma outra limitação do presente estudo que se prende com a não inclusão das companheiras na análise destas questões. Assim, seria importante haver mais investigações de natureza qualitativa que compreendessem as perceções do casal relativamente às questões relacionadas com as intenções de ter filhos.

Sobressai ainda outra limitação patente a este estudo tem que ver com a análise de conteúdo com indicação do número de referências a determinada categoria/subcategoria, que

não possibilitou uma apreciação aprofundada das dinâmicas e interações entre os elementos dos grupos. Para além deste aspeto, não se considerou a triangulação com outros métodos ou instrumentos de recolha de dados, que proporcionaria deslindar a convergência dos resultados. Posto isto, torna-se importante desenvolver estudos qualitativos que ultrapassem estas limitações amostrais e metodológicas.

Por outro lado, constitui-se como uma mais valia deste estudo o facto do mesmo ter sido de cariz qualitativo e ter tido como instrumento de recolha de dados um guião de entrevista criado de raiz, bem como ter recorrido a dois *focus group* para a recolha desses mesmos dados. Sendo esta uma técnica que, por excelência, recolhe os testemunhos dos participantes e permite a obtenção de resultados por meio das discussões e das dinâmicas criadas entre os elementos do grupo, bem como entre o moderador e o grupo. Posto isto, a riqueza dos dados obtidos reside na maneira como as partes integrantes do *focus group* interagem entre si.

Embora exploratórios, os nossos resultados parecem ter implicações práticas ao nível da sensibilização de responsáveis máximos das organizações para a necessidade de criar políticas de apoio a futuros pais, com vista no aumento da natalidade.

Revela-se ainda que as questões profissionais e de género foram tidas como relevantes para os nossos participantes. Este aspeto remetemos para uma outra implicação que reside no facto das dificuldades sentidas ao nível da conciliação da vida profissional com a vivência da parentalidade que, são também, uma preocupação dos homens.

Resumidamente, ao contrário de pretender esgotar o tema das intenções parentais dos homens, este estudo procurou incitar um convite ao desenvolvimento de trabalhos que se debrucem sobre as mesmas, esperamos que gerando um debate profícuo e que venha colocar estas questões em pauta.

Referências

- Aboim, S. (2010). Género, família e mudança em Portugal. In K. Wall, S., Aboim, & V. Cunha (Coords.), *A vida familiar no masculino: negociando velhas e novas masculinidades* (pp. 39-66). Lisboa: CITE, Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego.
- Alarcão, M. (2000). *(Des) equilíbrios familiares: uma visão sistemática*. Coimbra: Quarteto.
- Amâncio, L. (2007). Género e divisão do trabalho doméstico – o caso português em perspectiva. In K. Wall, & L. Amâncio (Eds.), *Família e género em Portugal e na Europa* (pp. 181-209). Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Balancho, L. (2004). Ser pai: transformações intergeracionais na paternidade. *Análise Psicológica*, 2(22), 377-386. doi: 10.14417/ap.198
- Bardin, L. (2009). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bartholomaeus, C. & Riggs, D. (2017). Intending fathers: heterosexual men planning for a first child. *Journal of Family Studies*, doi: 10.1080/13229400.2017.1327882
- Bauman, Z. (2004). Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Begall, K. & Mills, M. (2011). The impact of subjective work control, job strain and work–family conflict on fertility intentions: a European comparison. *European Journal of Population*, 27, 433-456. DOI 10.1007/s10680-011-9244-z
- Belo, J. & Macedo, M. (1996). Ascensão e queda do poder do Pai: o novo pai emergente. In Atas do 1.º Colóquio de Psicologia Social Clínica, 89-99. Lisboa: ISPA.
- Borsa, J. & Nunes, M. (2011). Aspetos psicossociais da parentalidade: O papel de homens e mulheres na família nuclear. *Psicologia Argumento*, 29(64), 31-39.
- Bradt, J.O. (1995). Tornando-se pais: Famílias com filhos pequenos. In: Carter, B. & McGoldrick, M. (orgs). *As mudanças no ciclo de vida familiar*. Porto Alegre: Artmed.

- Bruschini, C., & Ridenti, S. (2013). Família, casa e trabalho. *Cadernos de pesquisa*, (88), 30-36.
- Carmichael, G. A., & Whittaker, A. (2007). Choice and circumstance: Qualitative insights into contemporary childlessness in Australia. *European Journal of Population/Revue europeenne de demographie*, 23(2), 111-143.
- Carvalho, J. & Caetano, A. B. (2011). Ser pai e mãe depois dos 30 anos: Motivações parentais. In ESEP - Saúde e qualidade de vida: uma meta a atingir. Porto: UNIESEP.
- Cassidy, T., & Sintrovani, P. (2008). Motives for parenthood, psychosocial factors and health in women undergoing IVF. *Journal of Reproductive and Infant Psychology*, 26(1), 4-17.
- Castelain-Meunier, C. (2002). The place of fatherhood and the parental role: tensions, ambivalence and contradictions, *Current Sociology*, 50(2), 185-201. doi: 10.1177/0011392102050002616
- Cavalli, L. & Rosina, A. (2011). An analysis of reproductive intentions of Italian couples. *Population Review*, 50(1), 21-39. doi:10.1353/prv.2011.0001
- Clerget J. (1980). *Ser pai hoje*. Lisboa: Moraes Editores.
- Cruz, O. (2005). *Parentalidade*. Coimbra: Quarteto.
- Cunha, V. (2007). *O lugar dos filhos. Ideais, práticas e significados*. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- FFMS. (2017). Portugal: taxa bruta de natalidade. FFMS. Recuperado em: <https://www.FFMS.pt/Portugal/Taxa+bruta+de+natalidade-527>
- Gottman, J. & DeClaire, J. (1997). *Los mejores padres: como desarrollar la inteligencia emocional de sus hijos*. Argentina: Javier Vergara Editor.
- Greenhaus, J. & Powell, G. (2006). When work and family are allies: A theory of Work-family enrichment, 31 (1), 72-92. doi:10.5465/AMR.2006.19379625

- Guedes, M., Carvalho, P., Pires, R., & Canavarro, M. (2011). Uma abordagem qualitativa às motivações positivas e negativas para a parentalidade. *Análise Psicológica*, 29(4), 535-551.
- Guerreiro, M. & Carvalho, H. (2007). O stress na relação trabalho-família: uma análise comparativa. In K. Wall, & L. Amâncio (eds.), *Família e género em Portugal e na Europa* (pp. 93-128). Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Hewlett, S. (2002). *Creating a life: Professional women and the quest for children*. New York: Talk Miramax Books.
- Hinton, L. & Miller, T. (2013). Mapping men's anticipations and experiences in the reproductive realm: (in)fertility journeys, 27 (3), 244-252. doi.org/10.1016/j.rbmo.2013.06.008
- INE (2011). *Famílias nos Censos 2011: Diversidade e Mudança*. Recuperado em file:///C:/Users/Filipa%20De%20Sousa/Downloads/20FamíliasCensos2011.pdf
- Katz-Wise, S., Priess, H., & Hyde, J. (2010). Gender-role attitudes and behaviour across the transition to parenthood. *Developmental Psychology*, 46(1), 18-28.
- Kind, L. (2004). Notas para o trabalho com a técnica de grupos focais. *Psicologia em revista*, 10(15), 124-138.
- Kirchmeyer, C. (1992). Perceptions of nonwork-to-work spillover: challenging the common view of conflict-ridden domain relationships. *Basic and Applied Psychology*, 13(2), 231-249.
- Klein, T. & Eckhard, J. (2007). Educational differences, value of children and fertility outcomes in Germany. *Current Sociology*, 55(4), 505-525. doi: 10.1177/0011392107077636
- Krueger, R. & Casey, M. (2009). *Focus groups: A practical guide to applied science*. Thousand Oaks, CA: Sage
- Lamb, M. (2010). *The role of the father in child development*. Cambridge: John Wiley & Sons, Inc.

- Liefbroer, A. (2005). The impact of perceived costs and rewards of childbearing on entry into parenthood: Evidence from a panel study. *European Journal of Population*, 21(4), 367-391. doi:10.1007/s10680-005-2610-y
- Lupton, D., & Barclay, L. (1997). *Constructing fatherhood: Discourses and experiences*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Machado, C., Moura, A. & Silva, M. (2004). Envolvimento paterno e dificuldades sentidas pelo pai no exercício da paternidade. Salão de iniciação científica. Livro de resumos. Porto Alegre: UFRGS.
- Marques, A. (2008). «Eu gosto muito do meu filho, mas...» Parentalidades entre o desejo e a realidade. Centro de investigação e estudos de sociologia. ISCTE. Lisboa.
- Matias, M., Silva, A. & Fontaine, A. (2011). Conciliação de papéis e parentalidade: efeitos de género e estatuto parental. *Exedra: Revista Científica*, (5), 57-76.
- Matias, M. & Fontaine, A. (2013). Desenvolvimento e validação fatorial da escala de motivos face à parentalidade. *Paidéia*, 23(54), 9-20. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-43272354201303>
- Matos, M. G. D., & Magalhães, A. S. (2014). Tornar-se pais: sobre a expectativa de jovens adultos. *Pensando famílias*, 18(1), 78-91.
- Mendes, R. (2007). “A parentalidade experimentada no masculino: as vivências da paternidade”. Centro de investigação e estudos de sociologia. ISCTE. Lisboa.
- Mendes, R. (2004). À procura dos novos pais: Representações e atitudes perante a paternidade. In Atas dos ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e ação-Atelier: Famílias IES e Working Paper, 124-129.
- Morgan, D. (1997). *The focus group guidebook*, vol 1. Sage publications.
- Morgan, D. (1996). Focus group. *Annual Review Sociological*, 22, 129-152.

- Morison, T. & Macleod, C. (2015). Men's pathways to parenthood: Silence and heterosexual gendered norms. Cape Town: HSRC Press.
- Nascimento, F. & Térzis, A. (2010). Adiamento do projeto parental: um estudo psicanalítico com casais que enfrentam a esterilidade. *Psicologia em Revista*, 16(1), 103-124.
- Nascimento, I., Menezes, I. & Coimbra, J. (2004). O binómio trabalho-família e os limites da ubiquidade: uma nova competência em equação: Atas do V Congresso Internacional da Galícia e Norte de Portugal, sobre "Formação para o trabalho". Porto: FPCEUP.
- OCDE. (2011). Doing better families. Paris: OCDE.
- O'Laughlin, E., & Anderson, V. (2001). Perceptions of parenthood among young adults: implications for career and family planning. *The American Journal of Family Therapy*, 29, 95-108.
- Perista, H., Cardoso, A., Brázia, A., Abrantes, M., Perista, P. & Quintal, E. (2016). Os usos do tempo de homens e de mulheres em Portugal. Centro de estudos para a intervenção social. Lisboa.
- Perloe, M., & Gail, L. (1995). Miracle babies and others happy endings for couples with fertility problems. Recuperado em: [http://www. ivf com/ch3mb. html](http://www.ivf.com/ch3mb.html).
- Pleck, J. (1997). Paternal involvement: levels, sources, and consequences. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development*, 66-103. New York: Wiley.
- Relvas, A. (2004). *O Ciclo Vital da Família: perspetiva sistémica*. 3.^a ed. Porto: Edições Afrontamento.
- Rios, M. & Gomes, I. (2009). Estigmatização e conjugalidade em casais sem filhos por opção. *Psicologia em Estudo*, 14(2), 311-319. doi:10.1590/S141373722009000200012
- Silva, M. (2007). Vida Profissional e Familiar: Padrões de Conflito e Facilitação na Gestão de Múltiplos Papéis (Dissertação de mestrado). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Porto.

- Sousa, A. (2005). *Investigação em Educação*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Sousa, L., Figueiredo, D., & Cerqueira, M. (2006). *Envelhecer em Família*, 2ª. Porto: Ambar.
- Staudt, A. (2007). Paternidade: uma visão masculina e contemporânea do fenómeno (Dissertação de mestrado). Faculdade de psicologia, Porto Alegre.
- Staudt, A. & Wagner, A. (2008). Paternidade em tempos de mudança. *Psicologia: teoria e prática*, 10(1), 174-185. Recuperado em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151636872008000100013&lng=pt&tlng=es
- Stöbel-Richter, Y., Beutel, M. Finck, C., & Brähler, E. (2005). The “wish to have a child”, childlessness and infertility in Germany. *Human Reproduction*, 20(10), 2850-2857.
- Thompson, R. & Lee, C. (2011). Fertile imaginations: young men’s reproductive attitudes and preferences, 29(1), 43-55. Recuperado em <http://dx.doi.org/10.1080/02646838.2010.544295>
- Torres, A, Mendes, R., Lapa, T. (2006). Famílias na Europa. In Jorge Vala, Jorge & Anália Torres (coords). *Contextos e Atitudes sociais na Europa* (pp.97-141), Lisboa: ICS.
- Vale, I. (2004). Algumas notas sobre Investigação Qualitativa em Educação Matemática, O Estudo de Caso. *Revista da Escola Superior de Educação*, 5, 171-202.
- Van Balen, F., & Trimbos-Kemper, T. C. (1995). Involuntarily childless couples: their desire to have children and their motives. *Journal of Psychosomatic Obstetrics & Gynecology*, 16(3), 137-144.
- Wall, G. & Arnold, S. (2007). How involved is involved fathering? An exploration of the contemporary culture of fatherhood, *Gender & Society*, 21(4), 508-527. doi: 10.1177/0891243207304973
- Wall, K., Aboim, S. & Cunha, V. (2010). *A vida familiar no masculino. Negociando velhas e novas masculinidades*. Lisboa: Comissão para a igualdade no trabalho e no emprego.

- Wall, K., Cunha, V., Atalaia, S., Rodrigues, L., Correia, R., Correia, S. & Rosa, R. (2016). *Livro branco: Homens e igualdade de género em Portugal*. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa: Lisboa.
- Wall, K. (2002). Dinâmicas familiares e políticas de família na União Europeia: que evolução: Atas do Colóquio Internacional, sobre “Família, género e sexualidade nas sociedades contemporâneas”. Lisboa: Associação Portuguesa de Sociologia.
- Zornig, S. (2010). Tornar-se pai, tornar-se mãe: o processo de construção da parentalidade. *Tempo psicanalítico*, 42(2), 453-470. Recuperado em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010148382010000200010&lng=pt&tlng=es

Anexos

Anexo A.

Declaração de Consentimento Informado

Eu _____, aceito e concordo participar no estudo designado “Intenções parentais no masculino” desenvolvido por Filipa Gonçalves de Sousa e orientado pela Professora Doutora Marisa Matias na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. Confirmando que recebi informação acerca do estudo e dos seus objetivos, compreendi toda a informação prestada e aceito participar no mesmo. Foi-me garantido que todos os dados solicitados são sigilosos e confidenciais e serão usados apenas para fins de investigação científica, sendo que o meu nome não será identificado em nenhum documento ou exposição oral. Concordo, nessas condições, com a divulgação dos resultados do presente estudo. Entendo que a minha participação é voluntária e que a qualquer momento me assiste o direito de retirar a minha autorização sem nenhum prejuízo.

Assinatura: _____

Data: ____/____/____

Anexo B.

Guião do Focus Group

Homens com filhos

O objetivo principal deste focus group é compreender as condições percecionadas como necessárias para que se decida ser pai, quer por parte de homens sem filhos (lógica prospetiva) quer por parte de homens com filhos (lógica retrospectiva).

Como sabemos todos poderemos ter visões distintas acerca deste assunto, assim, as questões que se seguem pretendem captar o significado que cada homem do grupo atribui à parentalidade e quais as condições percecionadas como desejáveis para que a mesma aconteça. Vamos por um lado falar sobre o que vos motivou a ter filhos e por outro sobre a vossa experiência atual, isto é, sobre o presente.

DESEJO DE SER PAI

1. Para começar gostaríamos que nos falassem de como foi o processo de se tornarem pais?
 - a. Consideram que foi uma decisão ponderada ou foi algo que simplesmente aconteceu?
 - b. Em que momento/altura das vossas vidas foi, conseguem situar?
 - c. As vossas companheiras manifestavam a mesma vontade que vocês?

CONDIÇÕES PARA TER FILHOS

2. O que pesou na vossa decisão? Quais foram os aspetos/as condições que consideraram para se tornarem pais?

- a. Houve aspetos relativos ao contexto económico que consideraram importantes para se tornarem pais? Que aspetos são esses? Porquê que são relevantes?
 - b. Houve aspetos relativos ao vosso papel profissional/ao vosso trabalho que foram importantes nesta decisão? Porquê?
 - c. Na altura, consideraram a estabilidade no local de trabalho (ex. tipo de contrato; ameaça de desemprego) um fator importante?
 - d. Na altura, consideraram a possibilidade de progressão na carreira como um fator importante? Acharam que esta poderia ser condicionada tendo um filho? E foi?
3. Consideraram o ter/não ter casa própria como importante para a vossa decisão?
4. Consideraram o contexto familiar na decisão de ter filhos? Que aspetos deste contexto foram importantes?
 - a. Viver próximo dos familiares ou ter apoio destes, por exemplo, foi um fator importante ?
5. Houve fatores relativos ao relacionamento com a vossa companheira que foram relevantes na vossa decisão de ter filhos? Quais e porquê?
6. Ter filhos foi um desejo da vossa companheira? Foi um desejo partilhado por ambos ou mais centrado em um de vós? Em qual?
7. Pensam da mesma forma, atualmente? Consideram que são esses mesmos aspetos os que importam para ser pai? Ou há outros aspetos económicos, profissionais, familiares e conjugais que pareçam importantes?
8. Globalmente, o que vos motivou a ser pais?

9. Atualmente, pensam da mesma forma? Isto é, consideram que são esses mesmos aspetos os que importam na decisão de ser pai?

VALORES E MOTIVAÇÕES PARENTAIS

Vamos falar agora um pouco da vossa vivência no presente do papel parental

10. Quais são os valores que vocês atribuem à parentalidade? O que vos trouxe a parentalidade?
- a. Socialmente, acham que houve alguma mudança?
 - b. Emocionalmente, o que é que mudou quando se tornaram pais?
 - c. Consideram que houve custos em se tornarem pais, isto é, houve aspetos menos positivos ou negativos em se tornarem pais? Quais?
 - d. E benefícios? Que aspetos positivos advieram deste papel?
11. Para finalizar, há algum aspeto que considerem importante de ser falado acerca deste tema? Há alguma pergunta que queiram fazer ao grupo?

Guião do Focus Group

Homens sem filhos

O objetivo principal deste focus group é compreender as condições percecionadas como necessárias para que se decida ser pai, quer por parte de homens sem filhos (lógica prospetiva) quer por parte de homens com filhos (lógica retrospectiva).

Como sabemos todos poderemos ter visões distintas acerca deste assunto, assim, as questões que se seguem pretendem captar o significado que cada um dos homens do grupo atribui à parentalidade e quais as condições percecionadas por cada um como desejáveis para que a mesma aconteça. Vamos falar sobre o que vos motivaria a ter filhos e sobre o que percecionam experienciar por meio dessa vivência.

DESEJO DE SER PAI

1. Têm como projeto de vida ser pais? Faz parte das vossas intenções tornarem-se pais?

CONDIÇÕES PARA TER FILHOS

2. Como abordam esse projeto? No vosso ponto de vista, quais as condições necessárias para serem pais?
3. Há aspetos relativos ao contexto económico do país que vos pareçam relevantes para tomarem a decisão de ter filhos? Que aspetos são esses? Porquê que são relevantes?
4. Que aspetos relativos ao vosso papel profissional/ao vosso trabalho poderão ser importantes nesta decisão? Porquê?
 - a. Consideram a estabilidade no local de trabalho (ex. tipo de contrato; ameaça de desemprego) um fator importante?

- b. Consideram a possibilidade de progressão na carreira um fator importante quando pensam ter filhos? Achem que seria condicionada se tivessem um filho?
- 5. Consideram que o facto de ter/não ter casa própria é importante para a decisão de se tornarem pais?
- 6. Consideram que o contexto familiar importa na decisão de ter filhos? Que aspetos deste contexto são importantes?
 - a. Viver próximo dos familiares ou ter apoio destes, por exemplo, são fatores importantes?
- 7. Há fatores relativos ao relacionamento com a vossa companheira que sejam relevantes para a decisão de ter filhos? Quais e porquê?
- 8. Ter filhos é um desejo da vossa companheira? Diriam que é um desejo partilhado por ambos ou mais condicionado por um de vós? Por qual?

VALORES E MOTIVAÇÕES PARENTAIS

- 9. Quais são os valores que vocês atribuem à parentalidade? O que pensam que a parentalidade vos traria?
 - a. Socialmente, acham que pode haver alguma mudança?
 - b. Emocionalmente, o que é que acham que muda quando se é pai?
 - c. Consideram que há custos em se tornarem pais, isto é, haverá aspetos menos positivos ou negativos de se tornarem pais? Quais?
 - d. E benefícios? Que aspetos positivos associam à parentalidade?

10. Globalmente, o que acham que motiva um homem a ser pai?

11. Para finalizar, há algum aspeto que considerem importante de ser falado acerca deste tema? Há alguma pergunta que queiram fazer ao grupo?

Anexo C.

Caraterização sociodemográfica_HCF*

Nome	_____
Idade	_____
Habilitações	_____
Duração da relação conjugal	_____
Idade(s) do(s) filho(s)	_____
Filhos de relações anteriores?	Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>
Estatuto face ao emprego	Empregado <input type="checkbox"/> Não empregado <input type="checkbox"/>
Profissão/Ocupação atual	_____
Tipo de contrato de trabalho	_____
Número de horas de trabalho (semanais)	_____
Há quanto tempo se encontra no seu emprego atual?	_____

Idade do cônjuge	_____
Habilitações do cônjuge	_____
Estatuto profissional do cônjuge	Empregado <input type="checkbox"/> Não empregado <input type="checkbox"/>
Tipo de contrato de trabalho do cônjuge	_____
Número de horas de trabalho do cônjuge (semanais)	_____

*homens com filhos

Caraterização sociodemográfica_HSF*

Nome	_____
Idade	_____
Habilitações	_____
Duração da relação conjugal	_____
Estatuto face ao emprego	Empregado <input type="checkbox"/> Não empregado <input type="checkbox"/>
Profissão/Ocupação atual	_____
Tipo de contrato de trabalho	_____
Número de horas de trabalho (semanais)	_____
Idade do cônjuge	_____
Habilitações do cônjuge	_____
Estatuto profissional do cônjuge	Empregado <input type="checkbox"/> Não empregado <input type="checkbox"/>
Tipo de contrato de trabalho do cônjuge	_____
Número de horas de trabalho do cônjuge (semanais)	_____

*homens sem filhos